

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

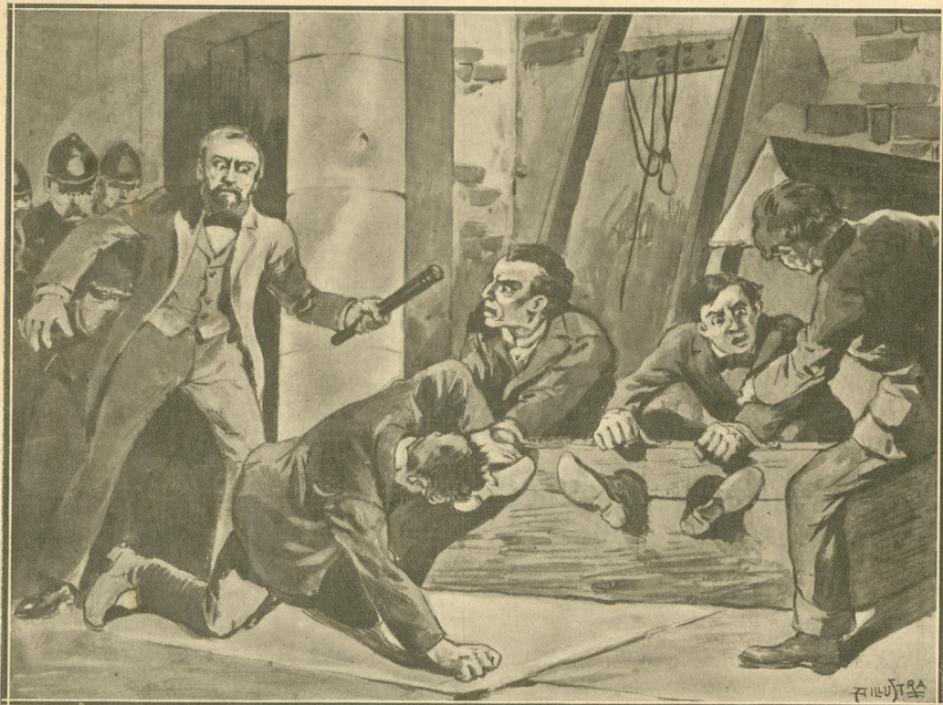
A NOVELLA POPULAR

N.º 114



**Aventuras extraordinarias
dum policia secreto**

OS ASSASSINIOS DE MIDDLESWORTH



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COM. E IMP. NA F. M. LUSITANA EDITORA
C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver, nos menos illustrados o go to pelos estudos scientificos, tão necessarios para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que en-errará verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

No preço:

Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
 Os Mundos desaparecidos, por Zaborowski
 As Estrellas e os cometas, por Secchi
 O Panorama dos Seculos, por J. Weber
 A Inteligencia e o cerebro, por G. M-tisse
 Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
 O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
 A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs. CADA VOLUME BROCHADO E rs. 100
 =NITIDAMENTE IMPRESSO=

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos	300
III Desmoralisação Francaza—Tempos modernos	300
No preço:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos	300

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200

REIS

≡CADA VOLUME CONTEM≡

≡ 14:00 LINHAS ≡

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
- O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
- A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
- Os Facas d'Oiro, por Paulo Féval.
- As filhas do povo, por Alexis Bouvier.

No preço:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico pape

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições lujuosissimas ◆ ◆ ◆
 com bellas e numerosas gravuras intercalladas
 ◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edicoes lujuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Ditosa lar, por Marcel Prévost
- II—Aphrodite, por Pierre Louys
- III—Prima Laura, por Marcel Prévost

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

ACD
 823.91
 D598.99
 P47 v. 5 no. 114

Os assassínios de Middlesworth

por Conan Doyle

CAPITULO I

Horrorosa surpresa

—Aquella pequena casa ali, á esquerda da estrada, que se perde no meio do horizonte, é a habitação do seu amigo Sullivan, dizia este ao criminalista Sherlock Holmes. Percorremos o caminho com mais velocidade do que esperava. Com certeza que minha querida irmã Edith não me espera tão cedo e vou ficar admirada.

Como o criminalista fizesse um gesto e menção de ir fallar, Sullivan continuou, não lhe dando tempo a abrir a bocca:

—Que contente ella vai ficar quando me vir chegar em companhia de uma pessoa tão distincta como o sr. Holmes e de um mancoço tão sympathico como Harry Taxon!

O cocheiro fez soar o chicote, os cavallos começaram a trotar e d'ahi a um pouco chegaram a um troço de estrada sombreado por altas e sombrosas arvores que formavam um tunnel de verdura sobre o vehiculo.

—Na verdade, Raphael, tem uma villa encantadora, exclamou o celebre criminalista. Nunca pensei que fôsse tão linda no verão. Estou deveras satisfeito por

ter aceite o seu convite e ter vindo com o meu ajudante Harry.

E, olhando para este:

—Agrada-te o local?

—Acho o encantador, respondeu o joven ajudante.

—Com o maior prazer passaremos algumas horas gozando a fresquidão que aqui se nota. Apenas noto aqui uma falta...

«Não pôde ter, pelo menos durante a noite, alguém que vigie estas sombrias e solitarias paragens para evitar que appareça algum inesperado visitante que se lembre de aliviar o contheudo dos seus bahús?»

—Para lhe fallar com franqueza, sr. Holmes, dir-lhe-hei que não. Vivo aqui muito distante de Londres, centro de ladrões, e não receio que me venham incomodar. Teem campo á farta na capital, para que queiram locupletar-se com o pouco que aqui podem encontrar.

«Ha dois annos que me retirei dos negocios e que vim para Middlesworth gozar o fructo do meu trabalho, e até hoje ainda não ouvi dizer que, quer na povoação, quer nos arredores se tenha dado um unico roubo ou um unico crime.

«É natural que o sr. Holmes, na sua qualidade de criminalista, tenha regeios e veja em cada homem um criminoso.

—O que não succede em dois annos succedem em um momento, é nunca é demasiada a vigilancia, respondeu Sherlock Holmes, sentindo um vago presenti-

mento. Não se esqueça de que lemos no jornal que nos arredores de Middlesworth vagueiam dois perigosos ladrões. A minha presença aqui, ainda que em parte devida ao seu amavel offercimento, tambem obedece ao meu desejo de me occupar d'esse caso. Se não tivesse vindo hoje na sua companhia, teria vindo amanhã.

«De resto não deve esquecer-se de que ha muitas especies de ladrões: uns desconhecidos e que assaltam as propriedades, e outros conhecidos e amigos que não tem necessidade de arrombar portas, pois lh'as deixa abertas de par em par a nossa ingenuidade... Comsigo já se deu um caso d'esses ha annos, lembre-se do seu antigo caixeiro...

—Oh! Sinto-me inquieto, sr. Holmes! exclamou Sullivan, sobresaltado, fitando um olhar investigador no criminalista.

Faltava pouco para a carruagem chegar á encantadora vivenda de Sullivan.

Profundo silencio reinava em volta d'ella e nas cercanias não se notava signal algum de vida e animação.

O antigo commerciante ficou pensativo, com o rosto demudado.

—Este silencio é eloquental exclamou elle, perturbado. A esta hora, em minha casa notava-se um certo movimento, e hoje tudo está em socego... O facto assusta-me!... Terá acontecido alguma desgraça durante a minha ausencia?

N'este momento a carruagem parava em frente da villa.

Sullivan abriu rapidamente a portinhola do vehiculo, saltou para fora e precipitou-se, seguido pelos dois policiaes amadores, atravez do jardim que circundava a villa, para o vestibulo.

A porta que, habitualmente, estava aberta áquella hora e principalmente quando era esperado o dono da casa, via-se fechada.

Era a primeira vez que Edith, sabendo da chegada de seu irmão, o não esperava á entrada da porta para lhe dar um abraço e o acompanhar ao seu quarto pedindo-lhe noticias da sua viagem.

Tambem não apparecera junto da carruagem, para abrir a portinhola. Joe Bentley, o *factotum* da casa. Das outras vezes, apenas ouvia o conhecido trote dos cavallos de seu amo e o rodar do vehiculo, saia de casa e corria para junto d'este.

Mas d'esta vez, como dizemos, não tinha apparecido.

Por que motivo não procedera como de costume? Desconhecia a proxima chegada de Sullivan?

Não, pois este dera-lhe parte da sua partida para Middlesworth.

A não poder deixar sósinha miss Edith?

Alguns minutos nada seriam, e tanto mais que ella devia tambem ter comparecido.

Preza de indizivel angustia e occorrendo-lhe á mente as mais extraordinarias conjecturas, Sullivan bateu com força á porta de ferro da casa.

Mas ninguem acudiu ao chamamento. Na villa reinava um silencio de morte que causava medo.

Ter-se-hia dito que não habitava ali ser algum humano.

Finalmente, vendo que não vinham abrir, Sullivan tirou a chave do bolso e entreabriu a porta.

Ficou aterrado perante o espectáculo que se lhe deparou.

Permaneceu immovel durante alguns momentos, ao vêr estendida no corredor uma pessoa que, por falta de luz, não pode distinguir quem era.

Sherlock Holmes abriu as portas de par em par. A luz que por ali penetrou revelou o aterrorisador problema.

Proximo da porta, atravessada no corredor, jazia sem vida uma formosa e joven senhora, de louros e compridos cabellos, vestida com a maior elegancia.

Era miss Edith.

Tinha os olhos abertos, lendo-se-lhe n'elles o terror, na garganta via-se, além dos signaes dos dedos do assassino, uma profunda ferida da qual jorrára abundantemente o sangue a avaliar pelo que se via no chão e no seu elegante vestido.

Emquanto Sherlock Holmes se dirigia para o interior da casa, a fim de vêr se encontrava algum ou pelo menos pégadas do criminoso, para melhor poder reconstituir o crime, ficou Harry Taxon ao lado de Sullivan, que parecia louco de pesar e de dôr.

Poucos passos tinha dado o criminalista quando de subito se ouviram passos proximos de algum que, naturalmente, se dirigia ao seu encontro.

Ficou immovel em attitude de expectativa e preparado para se defender, com os olhos fitos na porta por onde devia apparecer o desconhecido.

Não demorou muito que se abrisse a porta de um aposento, apparecendo o rosto de Joe Bentley, o *factotum* da casa, segundo o verosimilhança julgou n'aquelle momento. Segundo toda a verosimilhança, saia do esconderijo em que se havia occultado com medo do assassino da sua desventurada e joven ama.

Quando o criminalista, durante a sua viagem, ouvira Sullivan fallar de Joe Bentley, julgára que elle seria homem já entrado em annos e de respeitavel e veneravel presença.

—Havia-se, pois, equivocado. Joe, o *factotum* do amo, era homem dos seus 27 annos, mais que respeitavel, sympathico e elegante. Assim o pensou de momento.

Assaltou de subito o criminalista uma ideia, que desde logo se lhe enraizou no cerebro.

—Aquelle que tenho na minha frente é o assassino? perguntou-se elle.—Não é porventura o mesmo a quem persegui, juntamente com Harry na America, poa causa de alguns homicidios?

La pôr já em execução a idéa que lhe occorrêra de se arrojara sobre o supposto criminoso e prendel-o, quando este se approximou d'elle, não sem grande admiração sua, e lhe disse em tom impregnado de magua:

—Que desgraça a nossa, não ter o senhor vindo uma hora mais cedo com o sr. Sullivan!

E, soltando um fundo suspiro, acrescentou, enquanto se approximava, com o criminalista, da victima.

—Que tristeza! Um criminoso arrebatou do nosso lado a nossa pobre Edith.

E, collocando-se em frente do cadaver, pegou-lhe nas mãos e examinou a ferida.

Sullivan ficou com os olhos muito abertos e olhando como se receiasse ser uma illusão.

—Meu Deus! O senhor aqui, dr. Johnson? exclamou elle, saindo da sua estupefacção.

E estreitando a mão d'aquelle a quem chamára doutor, acrescentou profundamente commovido:

—Estava aqui quando se deu esta desgraça?

O interrogado olhou-o com tristeza e fez um gesto negativo com a cabeça.

Sullivan ajoelhou junto do cadaver, nas mãos do qual pegou e exclamou com os olhos desviados pela dôr e dando um fundo suspiro:

—Diga-me, doutor, pôde a sciencia fazer alguma coisa? Está realmente morta?

—A sciencia nada pôde fazer. Miss Edith está morta, respondeu o interpellado com tristeza. A ferida da garganta é mortal; ainda mesmo que o criminoso a não tivesse estrangulado, miss Edith teria morrido da hemorrhaggia produzida. Quando, ha cerca d'um quarto d'hora, aqui entrei, já ella era cadaver. Com certeza a minha chegada não foi muito posterior á vertiginosa fuga do criminoso.

Sherlock Holmes, fitando o olhar penetrante no punho direito da camisa de Johnson, manchado de grandes nodos de sangue, perguntou:

—Do que é que deduz tal conclusão?

—Porque o assassinio deve ter sido commettido uns vinte minutos antes d'eu ter entrado aqui, replicou o doutor. Como foi o roubo o mobil do assassinio, este deve ter precedido aquelle. E' o que habitualmente succede. E o criminoso deve depois ter levado da cinco a dez minutos para abrir e roubar o cofre forte. . .

E, indicando umas gottas de sangue que salpicavam o pavimento:

—Além d'isso, este sangue mostra o caminho que o criminoso seguiu depois do covarde assassinio da

pobre Edith. Deve ser homem muito habil na sua profissão, pois lhe bastaram, para abrir o cofre forte, alguns minutos. Não andaria mais depressa se conhecesse a palavra com que o cofre se abria.

—Como é que pôde affirmar que o assassinio se commetteu uns vinte minutos antes de aqui entrar? perguntou o criminalista, olhando alternadamente para o sangue espalhado no pavimento e para o punho ensanguentado de Johnson, intimamente convencido de que entre os dois factos havia estreita relação.

—Por causa da temperatura do cadaver, respondeu o interpellado. Quando aqui entrei, estava ainda quente. Como medico, mesmo indo depôr no tribunal, não receio affirmar que miss Edith deve ter morrido uns vinte minutos antes da minha chegada.

—Fez essa verificação no momento de entrada?

—Sim, senhor, pois julgava poder arrancar das garras da morte uma innocente victima.

—O que não pode conseguir!

—Infelizmente. Quando reconheci a inutilidade dos meus esforços, apoderou-se de mim o desejo de agarrar o criminoso, que supuz encontrar nos aposentos d'onde sahi ha momentos e cujas portas estavam entreabertas.

—E não o encontrou?

—Não. Debalde percorri a casa. O passaro tinha voado.

—Quando aqui chegou a porta principal estava fechada?

—Sim, senhor, respondeu Johnson, e cheguei a imaginar que não estava ninguem em casa. Por isso, resolvi ir a Lee, dando primeiro uma volta em redor da «villa».

«Fiquei admirado ao encontrar aberta uma porta de serviço no jardim quando a casa estava tão solitaria e silenciosa, e resolvi entrar, suspeitando que se dera um crime ou uma desgraça, com essa intuição que nos dão o silencio e a quietação, que, como mysteriosa neblina, envolvem os factos tristes e melancolicos.

«Imagine qual não foi o meu asombro, quando penetrei no jardim ao vêr outra porta de serviço tambem aberta!

«Entrei resolutamente em casa.

«Não posso descrever a profunda impressão que me produziu a vista do cadaver n'este sitio, onde agora o vemos.

Sullivan, abrigando a esperanza de em breve poder deitar a mão ao assassino de sua querida irmã, perguntou:

—E parece-lhe que o assassino já fugiria, ou não estará elle ainda aqui occulto ou nos arredores? Não o viu quando elle fugiu?

—Quando elle fugiu? exclamou Johnson, admirado.

Harry Taxon, que, havia minutos, saíra de casa pela porta de serviço que dava para o jardim, voltava n'aquelle momento e, dirigindo-se ao medico, perguntou-lhe:

—Veiu em bicycleta, sr. Johnson?

—Vim, disse este immediatamente. Porque me fez essa pergunta?

—Porque desde a porta de serviço da casa até á parede se vêem signaes de bicycleta, signaes que continuam para além d'esta.

—N'esse caso, o criminoso roubou-me a bicycleta, exclamou o medico.

Sullivan, o criminalista e o medico dirigiram-se para o sitio indicado por Harry Taxon e convenceram-se pelos seus proprios olhos do que havia afirmado o joven ajudante de Sherlock Holmes.

Na areia do jardim viam se signaes de bicycleta, que se dirigiam para fóra da villa e tomavam a direcção de um atalho que levava a um bosque distante um quarto de hora de caminho.

Sullivan voltou immediatamente para dentro de casa, cheio de indizível angustia, e dirigiu-se para o primeiro andar, onde ficava o quarto do creado Joe Bentley. Acompanharam-no o criminalista, o medico e Harry Taxon.

—Não se via ali ninguém.

—Não ha que duvidar, exclamou Sullivan, colericamente, o assassino foi Joe Bentley. O malvado aproveitou a minha ausencia para perpetrar o duplo crime.

«Primeiro que tudo passemos revista á casa, o que nada nos custará e fará com que procedamos desde o principio com methodo,

«Se o não encontrarmos aqui escondido, dirigirmos-hemos, sem perda de tempo, á estação mais proxima, pois mal terá tido tempo de ali chegar, apesar de ir em bicycleta.

A casa foi revista. No primeiro andar não havia ninguém. Desceram as escadas, revistaram o rez do chão. Ninguém.

Finalmente, desceram as escadas que conduziam á despensa e adega.

No fundo da escada, n'um lago de sangue, jazia o ensanguentado corpo do creado, o supposto criminoso.

Na cabeça via-se-lhe uma enorme ferida, que punha a descoberto a massa encephalica.

—Tambem Bentley foi victima, como miss Edith, da crueldade de um assassino, exclamou, angustiado, o dr. Johnson. Provavelmente, quando eu estava junto do ensanguentado cadaver de miss Edith, morria aqui o fiel creado, que foi ferido depois.

«Naturalmente, ia acudir aos terriveis gritos de sua ama, mas, antes de chegar ao corredor, surgiu-lhe na frente o criminoso, dando-lhe um golpe que lhe trespassou o cerebro.

«Na minha opinião, quando os senhores aqui entraram, havia poucos minutos que o assassino tinha fugido na minha bicycleta. Portanto, quando entrei aqui, ainda cá estava o criminoso.

«Agora, naturalmente, dirigiu-se á cidade mais proxima para se metter no primeiro comboio.

Fez uma breve pausa, apoz a qual proseguia:

—Como vêem, estou reconstituindo o crime. São apenas conjecturas.

Para Sherlock Holmes as linhas geraes do que acontecera, excepto a fuga do criminoso, não eram conjecturas, mas factos indubitaveis, explicados pelo proprio auctor da sangrenta tragedia.

A semelhança entre o chamado Johnson e o criminoso americano Ingrum, a quem em tempos o criminalista perseguira, era tão grande que, intimamente, Sherlock Holmes dizia consigo que eram uma e a mesma pessoa.

—Preciso saber, pensou elle, como conseguiu o criminoso introduzir-se em casa de Sullivan fazendo-se passar pelo medico Johnson.

«Quer Ingrum, quer James Bayfield, seu companheiro, são tenazmente perseguidos pela policia londrina e sabe-se, pelas averiguações a que se procedeu: que estão nos arredores de Middlesworth, se não da propria povoação.

«Além d'isso, James Bayfield é o antigo caixa de Sullivan, que foi despedido por ter commettido um desfalque.

«Não terão combinado Bayfield e Lon Ingrum, para se vingarem do antigo chefe d'aquelle, penetrar na sua solitaria villa e commetter um crime que lhes amargurasse a existencia e algum roubo que pudesse proporcionar-lhes algumas commodidades que lhes permitissem disfructar a vida durante uma temporada?

«Bayfield deve ter fugido com o roubo, em direcção ao bosque, e o seu companheiro Lon ficou aqui para apanhar ainda o que pudesse e fazer-se passar pelo dr. Johnson, no caso de ser surpreendido.

«O assassino da infeliz e desventurada Edith não é senão Ingrum, o supposto Johnson, medico da casa, e com o qual, certamente, terá muitas parecenças, de tal modo que Sullivan os confunde.

«Não posso duvidar de que seja este o assassino. Mostram-m'o d'uma maneira segura as nodos de sangue dos punhos da camisa.

E o criminalista continuou monologando intimamente:

—Da resto, este supposto doutor não poudo occultar a sua satisfação quando Sullivan julgou que o criminoso era Joe Bentley, satisfação que desapareceu quando foi encontrado o cadaver do infeliz creado e se reconheceu que tinha sido, não assassino, mas uma victima.

Para sondar o terreno, Sherlock Holmes disse em voz alta:

—Nestes contornos, sr. Sullivan, vagueiam dois terríveis criminosos, um dos quaes, antigo empregado seu, James Bayfield, e outro chamado Lon Ingram, mais astuto que o primeiro. Não seriam elles os auctores dos assassínios e roubo? —
O seu antigo caixa deve ter guiado o companheiro a esta villa, que naturalmente conhecia bem. E esta a minha opinião.

As palavras do criminalista fiseram empalidecer o chamado Johnson, o qual olhava em roda vagamente, como quem receia ser surpreendido e descoberto ao menor indício.

Pelo menos, assim o pareceu a Sherlock Holmes. Parecia, além d'isso, que o criminoso procurava opportunidade para fugir do atoleiro em que se encontrava, porque, puzando pelo relógio, Johnson exclamou:

—Já é tarde. Devia estar já a visitar os meus doentes de Lee. Com o maior prazer me demomarei aqui, mas as minhas obrigações chamam-me a outra parte.

—Nada posso fazer, á desventurada miss Edith Sullivan...

—E os meus doentes devem estar impacientes. Terei de me desculpar da demora, contando este acontecimento, que todos lamentamos.

—Depois de ter cumprido as obrigações que me impõe o meu cargo, dirigir-me-hei á cidade para declarar o que vi e repetir as declarações que aqui fiz.

«Daqui a pouco estarei de volta.

—Certamente que as suas declarações são importantíssimas e poderão elucidar muito a policia, disse Sherlock Holmes, cheio de intima alegria. Se m'o permite, dr. Johnson, acompanhá-o-hei a Lee, porque desejo conhecer de visu os instrumentos de que serviu o criminoso ou criminosos para a execução do crime.

«Como o tempo é pouco, aproveitá-o-hemos falando durante o caminho. Tenho a certeza de que o sr. Sullivan nos emprestará a sua carruagem.

O doutor parecia absorto no exame do cadáver do creado.

—Voltando-se para o criminalista, Johnson exclamou:

—A minha opinião é que o assassino foi um só, apesar de serem duas as victimas. Tanto a ferida da garganta de miss Edith como a da cabeça de Joe Bentley foram feitas pela mesma arma.

Emquanto o medico fallava, o criminalista fixou a vista no cadáver e ajoelhou para o examinar.

Junto de um dos pés do assassinado, quasi encoberta pelo sapato, deixando vêr apenas a extremidade, notára o criminalista uma arma branca, que nenhum dos que ali estavam tinha descoberto.

Tambem nenhum observou que Sherlock Holmes a apanhava, a occultava dissimuladamente na manga do casaco e que, logo que se levantára, mettendo as mãos nos bolsos, como que casualmente, a deixava cair n'um d'elles.

Pelo tacto e pela extremidade que vira, conheceu Sherlock Holmes que era um escalpello.

—Será esta a arma de que se serviu o criminoso? perguntou elle a si mesmo. O assassino será Johnson ou o seu companheiro?

Logo que se levantou, exclamou, para melhor dissimular o achado:

—Realmente a ferida do creado foi produzida pela mesma arma cortante que ceifou em flor a innocente miss Edith. Tem a mesma configuração, com a differença apenas de que o criminoso teve de empregar mais força, por se tratar de uma parte dura.

«Desejava saber a profundidade da ferida da cabeça de Joe. Póde medir-a com a sonda, doutor?

E fitou o olhar penetrante no rosto do interpellado, julgando que elle empalideceria mortalmente.

Enganou-se, porém.

—Sem que revelasse a mais ligeira perturbação, o medico mettu a mão no bolso do sobretudo, tirou o estojo cirurgico e abriu-o com a maior naturalidade.

Só quando, ao tirar a sonda, deu pela falta do escalpello é que pareceu ficar um tanto ou quanto surprehendido, mostrando no rosto a contrariedade de quem dá por falta d'uma coisa que julgava trazer.

Deixando aberto o estojo, mettu de novo a mão no bolso, d'onde o havia tirado, e começou a procurar.

—Falta-lhe alguma coisa? perguntou o criminalista.

—Sim, senhor, respondeu Johnson, accenando pensativo com a cabeça, o meu escalpello e exactamente hoje, em que tenho de fazer uma operação em Westbury. Não sei onde o pude perder.

E vendo a inutilidade de o procurar pegou na sonda e, depois de a ter mettido na ferida, acrescentou:

—E' muito profunda, chega á pia mater. A morte deve ter sido quasi instantanea.

—Isso confirma-me ainda mais na opinião de que o criminoso não é outro senão Lon Ingram, exclamou Sherlock Holmes com os olhos fitos no medico. O que sei a seu respeito dá azo ás minhas suspeitas.

O nome de Lon Ingram fez empalidecer o medico.

Se o criminalista estava resolvido a não perder de vista o intitulado medico, a quella repetida mudança de côr, depois d'elle pronunciar o nome do criminoso americano, mais o corroborou no seu proposito. Não, não o perderia de vista, nem teria um momento de descanso enquanto não averiguasse a verdadeira per-

sonalidade de Johnson.

Se não podia duvidar pelas nodoas de sangue no punho da camisa e ainda menos pelo encontro do escalpello que o assassino era o supposto medico, convinha contudo averiguar qual fóra a natureza do crime e que mobil o havia impellido a commettel-o.

Johnson queria ainda examinar o cadaver, dizendo que quando voltasse procederia a minuciosas averiguações.

—Naturalmente lembrou-se de que o escalpello lhe caiu, pensou Sherlock Holmes, depois de haver ferido a victima e quer procural-o dissimuladamente.

E acrescentou em voz alta:

—Já vimos tudo, doutor. Agora o que é urgente é revistar o quarto do creado, onde nos não demorámos, e depois o cofre forte. Antes de nos dirigirmos a Lee, temos tambem de revistar os arredores, pois não me admiraria muito que o criminoso estivesse occulto perto d'aqui.

Os desejos manifestados pelo criminalista foram satisfeitos.

Quando se dirigiam para o primeiro andar, Sherlock Holmes deu o braço ao seu desventurado amigo Sullivan, dizendo-lhe, para o consolar.

—Tenha animo, meu caro Sullivan. O que aconteceu não tem remedio e a unica coisa que podemos fazer é trabalharmos para que não fique impune o duplo assassinio de sua idolatrada irmã e do seu fiel creado.

«O meu fraco prestimo ponho-o á sua disposição. Sei que é pouco o pensamento de podermos vingar os seres amados, mas é a unica coisa que podemos fazer.

«Não ficarão sem vingança...

Sullivan, apertando as mãos do celebre criminalista, exclamou, sulcando-lhe o rosto abundantes lagrimas:

—Agradeço-lh'e cordealmente. A sua presença e o seu auxilio são para mim um enorme lenitivo no meio do meu infortunio. Tudo quanto tenho ponho-o ao seu dispôr, para procurar o criminoso e fazer recair sobre elle o merecido castigo.

«Sim, não esquecerei o sangue de Edith e de Bentley, não terei descanso emquanto não souber que o assassino ou assassinos expiaram no cadafalso o seu crime.

—Pela minha parte não o esquecerei e tenho esperança em que em breve a vingança estará satisfeita, respondeu o criminalista. No entanto faça esforços por sócego e não perder a coragem.

E acrescentou em voz tão baixa que nem Harry Taxon nem Johnson o podiam ouvir:

—Este homem que se apresentou aqui como medico em Middlesworth é realmente medico?

—Sem duvida alguma, respondeu Sullivan. Julga acaso que outro tomou a sua apparencia e se apresentou aqui? Francamente, não o creio. E' impossivel.

—Não diga impossivel, replicou o criminalista. Ha casos em que o proprio pae e mãe que os geraram não podem distinguir os filhos de um patife que lhes usurpou a physionomia.

«Ha muito tempo que o dr. Johnson é medico da casa?

—Ha dois mezes.

—E' seu amigo?

—Não, senhor,olveu Sullivan. Se aqui entra como medico, é isso devido a um pedido de minha irmã Edith.

—Não sympathisa com Johnson?

—Não sympathiso, assim como não antipathiso com elle.

—Posso saber porque? perguntou o criminalista.

—Dir-lhe-hei em poucas palavras o motivo, respondeu Sullivan. Johnson não me agrada porque é um caracter pouco expansivo e reservado:

«Nunca me fallou da sua vida. O pouco que conheço a tal respeito soube-o por intermedio de outras pessoas cujas casas elle frequenta, porque é preciso que saiba que o dr. Johnson tem grande e escolhida clientella não só em Middlesworth, mas nas povoações proximas, Westbury, Lee, etc.

—Onde é que travou conhecimento com elle?

—Edith conheceu-o no inverno passado em casa da sua amiga Gracia Humbert, quando havia apenas semanas que elle tinha chegado da America, porque elle é americano.

E dando um suspiro.

—Minha irmã gostou dos seus modos, da sua affabilidade e da sua conversação. Creio até que entre elles houve mais alguma coisa que uma simples amizade.

«Frequentes vezes a adverti de que se não d'esse com elle, porque ouvi dizer que o doutor tinha relações secretas com miss Gracia Humbert...

—Sabe com certeza que Johnson é americano? interrompeu o criminalista.

—Não tenho duvida alguma a tal respeito. A sua vinda para aqui, ao que se diz, apenas tem por fim acompanhar miss Gracia Humbert, uma joven riquissima e muito formosa, na sua visita a uma sua tia, irmã de sua fallecida mãe, que vive em Middlesworth.

A chegada ao primeiro andar, á entrada do qual os esperavam Harry Taxon e o dr. Johnson, interrompeu a importante conversação do criminalista e de Sullivan.

—Desejo levar o cadaver de minha irmã para o seu quarto! exclamou de subito o antigo negociante. Custa-me vel-a estendida no corredor, n'um lago de sangue.

—Deixe-se d'isso, Raphael, replicou Sherlock Holmes. Vamos ao quarto do creado. Convem que tudo fique como estava até chegar a policia.

No quarto de Bentley nada encontraram.

Na sala onde estava o cofre forte foi diferente.

A fechadura estava arrombada. Apenas a examinou, Sherlock Holmes reconheceu que se tinham servido para o arrombamento de utensilios modernos, de fabrico americano.

O interior do cofre estava completamente vazio.

O roubo não causou grande impressão a Sullivan, porque o que ali havia, quer em moeda corrente, quer em notas do banco, era pouco. A sua fortuna estava depositada n'um banco.

Pouco tempo levaram a revistar o cofre forte.

Dirigiram-se para o quarto de Edith, o qual ficava contiguo a uma sala que dava para a entrada.

As portas do quarto estavam fechadas.

—Entrou por aqui, dr. Johnson? perguntou o criminalista.

—Não senhor, respondeu o medico com a maior naturalidade, não sai do rez do chão da villa.

Ao entrarem na sala e no quarto de miss Edith, viram nooas de sangue que, segundo parecia, não podiam attribuir-se ao medico.

O caso começava a complicar-se de modo extraordinario, o que despertou tanto a curiosidade do criminalista que, ainda que não fôra pela palavra que dera e pela amizade que o ligava a Sullivan, se teria encarregado do caso, só pelo prazer de vencer as difficuldades e decifrar o enigma.

No quarto de Edith viu-se que faltavam todas as joias que lhe pertenciam.

Na morte do creado Joe viu Sherlock Holmes a satisfação da vingança de James Bayfield, o caixa expulso, e na morte de Edith o desejo de roubo levado a cabo por Lon Ingram.

Revistaram em seguida toda a casa, sem nada mais de importancia encontrarem.

Ao anoitecer, saia o dr. Johnson, n'uma carruagem, acompanhado de Sherlock Holmes, para ir visitar os seus doentes de Lee.

Harry Taxon, o joven ajudante do celebre criminalista, ficára em companhia de Sullivan, pois não era conveniente que este ficasse sózinho.

—D'aqui a pouco, a não ser que se dê algum acontecimento imprevisto, estaremos de volta, disse Sherlock Holmes, poucos momentos antes da carruagem partir em direcção á proxima povoação de Lee.

—Exatamente, sr. Sullivan, respondeu o ladrão, rindo, chamo-me Bayfield.

«Estou satisfeitissimo por vêr que se não esqueceu de mim, apesar de já ter passado um bom par de annos sem nos termos visto. O antigo amor que me

CAPITULO II

Mais um crime

Depois de ter partido a carruagem levando o criminalista e o dr. Johnson para Lee, entraram em casa Harry Taxon e Sullivan.

Este queria, a todo o transe, pegar no cadaver de sua irmã e leva-lo para o quarto d'esta. Não custou pouco a Harry tirar-lhe tal ideia da cabeça.

Depois do joven ter convencido o desventurado irmão da inopportunidade do seu proposito, subiram ambos uma escada, dirigindo-se para uma galeria que dominava parte do parque que circundava a villa.

Durante algum tempo ficaram ali, contendo Harry Taxon para o distrahir, diversos casos verdadeiramente extraordinarios, em que figuravam os dois policiaes amadores.

Decorrido bastante tempo, Harry disse que ia examinar demoradamente a villa e o parque a fim de poder dar algumas informações a Sherlock Holmes.

Momentos depois Sullivan estava só.

Harry tinha-se separado d'elle impellido pelo desejo e esperança de encontrar na casa e especialmente no parque alguma coisa que tivesse passado despercebida ao olhar perscrutador do criminalista.

Que satisfação para elle se pudesse contar pormenorizadamente a Sherlock Holmes qualquer indicio que descobrisse!

Parecia-lhe até sentir o sabor dos elogios que o mestre não deixaria, por certo, de lhe dirigir!

Logo que se separou de Sullivan, dirigiu-se para a villa e em seguida para o magnifico parque, que ficava do lado opposto á galeria onde estava sentado o infeliz irmão de Edith.

Quando já Harry estava muito distante, Sullivan viu apparecer o rosto de um homem que caminhava por entre as arvores na parte do parque mais proxima de casa, desaparecendo pouco depois.

D'ahi a pouco, sem que tivesse dado por coisa alguma, Sullivan ouviu com um certo terror uma voz de homem, voz aguardentada, dizer-lhe:

—Boas noites, senhor.

Olhou, espantado, para aquella que assim fallava.

—James Bayfield! exclamou elle, reconhecendo o seu antigo caixa.

—Exatamente, sr. Sullivan, respondeu o ladrão, rindo, chamo-me Bayfield.

«Estou satisfeitissimo por vêr que se não esqueceu de mim, apesar de já ter passado um bom par de annos sem nos termos visto. O antigo amor que me

caica-

mostrou ao pôr-me na rua, quando, por não ter que comer, commetti uma acção que lhe desagradou, sem motivo, e occasião para lh'o agradecer, nas circumstancias actuaes.

—E' na hora da dôr que se conhecem os amigos, Primeiro fui eu, agora é o senhor.

E soltou uma gargalhada.

—Malvado, assassino! exclamou Sullivan desvariado. E arrojou-se sobre Bayfield, esquecendo-se de que estava desarmado.

—Queres zombar de mim, manchado ainda do sangue do cadaver de minha irmã? Queres divertir-te atormentando-me o coração com chufas sangrentas?

—Não tardará que sintas o peso da justiça de Deus e dos homens, criminoso.

—Vou estrangular-te pelas minhas mãos e calcar-te aos pés.

O inesperado da aggressão encontrára James desprevenido, tendo-se, por isso, visto obrigado a travar luta para se livrar das mãos do seu antigo chefe.

O combate, porém, não podia por muito tempo prolongar-se. James era um criminoso profissional e, portanto, habituado a lutar, ao passo que Sullivan nunca se dedicára senão ao commercio.

D'ahi a pouco o antigo commerciante era completamente dominado pelo seu antigo empregado, vendendo-lhe no rosto uma pallidez mortal provocada pela evocação do fim que o aguardava e pela pressão das mãos do criminoso que lhe apertavam a garganta.

—Tudo correu á medida dos meus desejos, exclamou Bayfield, rindo. Esperava com impaciencia que aquelle que estava em tua companhia fôsse dar um passeio pelo parque, para te vir dar os pezames pela morte de tua irmã e do teu fiel Joe. Não podia deixar de cumprir esse dever, estando tão proximo de tua casa!

—Aquelle maldito policia londrino que veio contigo foi o auctor da comedia passada em tua casa, apesar da fama que gosa. Pois, muito bem, desejo alliviar-lhe o trabalho da proceder a investigações.

—Dir-te-hei tudo, a ti, para que lh'o digas como a um bom amigo.

—O, assassino foi o dr. Johnson, de Middlesworth. Sabes porquê?

—Porque estava cansado de ser amante de tua irmã e porque receiava que outra mulher, sabendo as relações que entre elles havia, o puzesse na rua, perdendo assim os milhões que miss Humbert lhe pode dar.

—Pelo trabalho que tive em te contar tudo, podes dar-me uma gratificação.

A confiança que James tinha na sua força e a quietação, que Sullivan mantinha haviam allucinado de tal modo o antigo caixa que não prestava attenção

aos esforços que o commerciante pudesse fazer para se livrar das suas mãos.

Apenas acabára de proferir as ultimas palavras, Sullivan, reunido todas as forças, conseguiu livrar-se dando-lhe um violento empurrão.

E, levantando-se, precipitou-se pelas escadas, dirigindo-se para o parque, onde julgava que encontraria Harry Taxon.

Ainda não chegara á porta, quando viu approximar-se uma pessoa que lhe pareceu ser o medico Johnson.

Cheio de intima alegria e esperançado no auxilio que este lhe prestaria, correu para elle, dizendo:

—Socorro, sr. doutor!

No mesmo instante, James agarrava-o de novo e começava a dar-lhe murros.

—Ahi vou, sr. Sullivan, exclamou o que fôra chamado,

James largou-o immediatamente, enterrou-lhe um punhal no peito e deitou a correr.

—Não fujas, James, exclamou o recém-chegado, sou eu.

O que fugia voltou-se e, tendo reconhecido aquelle que o chamava, aproximou-se d'elle, todo satisfeito.

O antigo commerciante caiu desmaiado, enquanto o supposto doutor se approximava.

Quando Sullivan pediu socorro, Harry Taxon estava algum tanto distante. Correu julgando que o grito fôra devido a ter lhe dado algum ataque, para o lugar d'onde esse grito partira.

Quando já estava a pouca distancia, ouviu fallar dois homens.

Reconheceu immediatamente que Sullivan fôra victima d'uma surpresa e resolveu approximar-se com precaução do sitio onde este se encontrava.

Por entre arvores e sarças, não fazendo ruido algum acercou-se d'onde estavam Sullivan o chamado Johnson e James Brayfield.

Quando o separava d'elles apenas uma fileira de arbustos, ficou immovel para poder escutar a conversação entabulada entre aquelles homens suspeitos.

—E's um idiota, James, dizia a este o outro homem, que Harry julgou ser Johnson. Porque é que perdeste tanto tempo a contar-lhe historias e não lhe partiste a cabeça com uma punhada? Julgaste que viemos aqui para perder tempo?

—Convem andar com prudencia, Lon, respondeu o outro. Apenas pudemos apanhar pouco dinheiro. Portanto, era preciso metter meio a Sullivan para que nos declarasse onde o tinha.

—Se precipite os acontecimentos e o puz n'este estado, e apontou para o antigo commerciante, foi porque julguei que tu eras realmente Johnson.

«Agora, porém, tenho a certeza de que és Len Ingrim.»

—Entremos depressa em casa, respondeu Lon, para levarmos mais alguma coisa, pois em breve voltarão esse bandido de Sherlock Holmes, o dr. Johnson e a policia de Lee.

«Bem ouviste que voltariam em breve.»

«Talvez esteja dentro de casa esse rapaz que acompanhou Sullivan á galeria, visto que o tenho andado a procurar pelo parque e o não pude encontrar.»

—Pois eu creio que elle está no parque, replicou James, visto que o vi sair pouco depois de abandonar a galeria onde estava Sullivan.

—Deixa-te de palavras e entremos antes que elles venham e nos surpreendam,olveu Lon. Revistaremos bem a villa e levaremos o que pudermos.

«A chegada do maldito Johnson causou-nos o maior estorvo e a do policia amador com Sullivan e o tal rapaz não nos deixaram levar a cabo a captura do medico.»

Dirigiram-se para a villa, pelo lado das trazeiras. N'esse momento ouviram-se passos de muitas pessoas que entravam no parque pela parte de diante.

Os criminosos pararam, ficando á escuta durante momentos. Não havia duvida: acabavam de chegar de Lee Sherlock Holmes, o medico e agentes de policia.

Era necessario fugirem pelas trazeiras.

Harry Taxon tirou então do bolso o seu revolver e quiz conter-lhes a retirada, dando alguns tiros que não acertaram, mas que serviram para chamar a attenção dos que acabavam de entrar na villa.

Vendo-se entre a espada e a parede, os criminosos puxaram também pelos seus revolvers e repostaram ao ataque disparando-os umas poucas de vezes, não conseguindo, porém, ferir o joven.

No entanto mal teria ido a Harry Taxon se não acudissem immediatamente em seu soccorro aquelles que acabavam de chegar de Lee,

Os malfeitosos precipitaram-se por entre as arvores e muitas do parque e dirigiram-se para o muro do fundo. Momentos depois tinham-no escalado e com o auxilio das trevas da noite, desapareciam aos olhos dos que os perseguiam.

Não podia saber-se a direcção que haviam tomado.

Os perseguidores não tiveram outro remedio senão voltar para a villa, zezarosos por não terem conseguido o os seus intentos.

As investigações da policia vinda de Lee em casa de Sullivan não forneceram dado algum importante para a descoberta do mysterioso acontecimento.

Graças ás declarações feitas por Harry Taxon a Sherlock Holmes, este convenceu-se completamente de que Johnson não era Lon Ingrim, como a principio imaginára, por causa da extraordinaria parecença que havia entre os dois.

Não podia haver duvida, devido a essas declarações, que os culpados do duplo crime eram os seus antigos perseguidos Lon Ingrim e James Bayfield.

A unica coisa que faltava era prendel-os; mas, para isso, era preciso um engodo a fim de os attrahir.

A ferida recebida por Sullivan era perigosa, sendo necessario leval-o para o hospital de Middlesworth.

Dada auctorisação pela estação competente para o levantamento dos cadaveres, foram estes trasladados para o cemiterio, celebrando-se os funeraes com extraordinaria pompa.

O duplo assassinio causou tal terror que ninguem se atrevia a sair á rua sózinho.

As autoridades incitaram o zelo dos agentes de policia para a captura dos assassinos, chegando a prometter um premio de cem libras esterlinas a quem a effectuasse.

CAPITULO III

Confissão e declarações importantes

No elegante escriptorio do dr. Estevão Johnson encontravam-se, sentados em commodas poltronas, o medico e dois homens em animada conversação.

Ninguem que tivesse visto Sherlock Holmes e Harry Taxon no dia anterior em casa de Sullivan os teria reconhecido n'aquelle dia.

Vestiam fatos de lavradores provincianos, tendo uma apparencia tosa e grosseira.

—Doutor, disse o criminalista, offerecendo-lhe um magnifico charuto, que foi immediatamente acceso; hontem á tarde por um triz o não prendi, quando estavam em frente do cadaver de Joe Bentley.

—Por eu me parecer extraordinariamente em Ingrim? perguntou o medico.

—N'esse momento, não, mas sim por isto, replicou o criminalista.

E mettu com todo o socego a mão no bolso, d'onde tirou com o maior cuidado um objecto embrulhado em papel, mostrando-o ao medico sem o desembrulhar.

Accrescentou:

—O que aqui tenho era para mim muito mais importante que o seu rosto, para o capturar. Não suspeita o que isto é?

E entregou-lhe o embrulho.

O medico começou a desembrulhar o, dizendo:

—Não, senhor, não seria capaz de adivinhar... mas... é possível?... Por acaso?...

Na sua frente via um objecto metallico.

Segurou-o nas tremulas mãos. Era o escalpello, pela falta do qual dera quando Sherlock Holmes lhe pedira para sondar a profundidade da ferida na cabeça de Joe Bentley.

—Meu Deus! exclamou Johnson, olhando admirado para Sherlock Holmes. Como é que lhe foi parar este instrumento ás mãos?

—Encontrei o debaixo do cadaver do creado, proximo de um dos sapatos.

—Julgou que eu me servira d'elle para assassinar Bentley?

—Era impossivel que não supuzesse tal coisa, replicou o criminalista. Se não, veja o gume do instrumento, sujo ainda de sangue do creado.

«No seu estojo faltava o escalpello; tinha uma parecença extraordinaria com Lon Ingrim, que me faltava para formar de si uma opinião desfavoravel? Outro qualquer no meu caso tel-o-hia tambem tomado por auctor do assassinio do creado e de miss Edith.

«Fazia augmentar essas suspeitas a certeza com que o doutor fallava acerca das diversas circumstancias do crime, parecendo que era o seu auctor.

«Notava que mudava de cor quando eu lhe fallava em Lon Ingrim e no seu companheiro James Bayfield e ainda mais quando lhe dizia que tinham chegado havia pouco da America e coisas semelhantes.

«Devo confessar-lhe francamente que, pelo menos, suppunha que o doutor era Lon Ingrim.

«O meu joven ajudante poderá dizer-lhe se é ou não verdade que, de cada vez que lhe fallava n'esse criminoso, o senhor não empalidecia como um cadaver.

—E' verdade, sr. Holmes, accrescentou Harry. Parecia, além d'isso, estar muito inquieto.

—Por ventura conheceu Lon Ingrim, dr. Johnson? perguntou o criminalista.

E os olhares de Sherlock Holmes e do seu joven ajudante cravaram-se no rosto do medico, o qual de novo empalideceu como um cadaver.

Parecia que semelhante perguntava o aterrava. Apoz uma breve pausa, respondeu:

—Não posso occultar por mais tempo, sr. Holmes, o que a sua penetrante vista descobriu. Sim, conheço de ha muito Lon Ingrim.

«Vou fazer-lhes uma confissão que a minha consciencia exige que faça. Sou culpado, em parte, da morte dos dois innocentes de hontem, porque, impellido pelo meu affecto a Ingrim, nada disse quando o senhor appareceu...

«Se alguma coisa pôde servir de attenuante á minha falta, vou dizer-lhe a causa... Sou irmão de Lon Ingrim...

E da testa caíram-lhe grandes bagas de suor, que enxugou com o lenço. Em seguida soltou um fundo suspiro.

Harry Taxon ficou admirado com aquella confissão. O mesmo não succedeu a Sherlock Holmes, que sorrindo satisfeito por ter adivinhado uma coisa que era verdadeira, respondeu:

—Desde que hontem soube que não era Lon Ingrim, supuz que era seu parente em grau muito proximo. Mais augmentou a minha suspeita quando me lembrei que o senhor era americano...

«Ao vêr que o medico começara a chorar abundantemente, o criminalista mudou de tom e disse compassivamente:

—Não deve envergonhar-se, senhor, por ter uma pessoa de familia mal comportada. A honra e a deshonra são proprias e não dependem dos outros.

«Sei agora porque mudava de cor quando lhe fallava em Lon Ingrim.

«Quer dizer-me, doutor, se seu irmão visitou em Middlesworth?

—Posso assegurar-lhe que não, sr. Holmes, respondeu o medico, nem mesmo me fallou na rua.

«Naturalmente, aproveitando a minha ausencia de casa entrou ahi e levou o escalpello com que praticou o duplo assassinio, pois não posso explicar como d'outro modo se apoderasse d'elle.

E, soltando de novo um fundo suspiro, accrescentou:

—Que dose de maldade não tem meu irmão! Servir-se de instrumentos meus para fazer recair sobre mim as suspeitas do crime que elle commeteteu e aproveitar-se, além d'isso, com a semelhança que commigo tem!

«Que odio que elle me tem!

«E para esse odio não ha outro motivo a não ser o ter eu querido desviar-o do mau caminho e havel-o admoestado como merecia.

«De nada serviu isso, porém.

«As minhas ultimas tentativas para o regenerar foram feitas em Philadelphia, onde viviamos. Foi ahi que tive o ultimo desengano.

Desde então resvalou cada vez mais, desde a burla ao roubo, desde o roubo ao assassinio.

«Vendo que o seu nome me trazia a deshonra, resolvi afastar-me da minha patria e ir viver para onde me não conhecessem, mudando de nome. Passei a usar o de minha santa mãe.

«Ainda uma outra causa me levou a proceder assim. Parece-me impossivel poder casar com uma mulher a quem amava apaixonadamente: como quere-rá ella, pensei, casar com um homem que tem um irmão criminoso?

«E para que a presença da mulher que adorava não me causasse indizível angustia, visto que não podia ser minha, resolvi não tornar a pisar o solo da patria.

«Estive na Allemanha, na Hollanda e vim para

Inglaterra, estabelecendo-me por ultimo aqui, em Middlesworth.

—Não tornou a vêr essa mulher... miss Gracia Humbert? perguntou o criminalista que seguia com a maior attenção o que o medico contava a seu respeito.

—Vi-a, sim, respondeu Johnson, admirado. Encontrei a aqui, mas essa bondosa e querida joven não conhece o meu segredo, não suspeita sequer que Lon Ingrum pertence á minha familia e muito menos que é meu irmão.

«Aqui, julgam que a acompanhei da America, mas não é assim. Ella é que veio procurar-me, acompanhada pela creada que tem ao seu serviço.

«Suspeitando que eu me encontrava em Inglaterra, disse a sua familia que queria vir a Middlesworth, onde tem uma tia, passar uma temporada, mas a sua verdadeira intenção era procurar-me até dar com o meu paradeiro.

«Que felicidade não tivemos quando nos encontramos!

«Apenas aqui chegou, vimo-nos.

«Facilitou o encontro a minha profissão. O medico tem tantas relações e tem de visitar tantas familias que é absolutamente impossível ser-se desconhecido!

«Quantas vezes, mercê da minha profissão, não tenho tido occasião de a visitar!

«Digo-lh'o sob confidencia, sr. Holmes: a não ser qualquer caso imprevisito, casaremos no proximo inverno e talvez ainda antes.

«A unica coisa que pôde oppôr-se ao casamento é o que acaba de praticar meu desgraçado e málvado irmão.

«Que desgosto Gracia não teria se soubesse quem elle é!

«Talvez Lon praticasse até este crime para me tornar desgraçado. Digo talvez? Foi com certeza para isso.

«Pois não foi essa a sua intenção ao roubar-me o escalpello e servir-se d'elle para a perpetração dos dois assassinios?

«Por tudo isso, sr. Holmes, prestar-lhe-hei a minha cooperação para livrar a humanidade de criminosos tão perigosos como Lon Ingrum e James Bayfield.

«Não terei descanso enquanto os dois não se acharem na impossibilidade de commetter novos crimes.

«Hoje mesmo irei ter com o *sherif* para poder usar legalmente o nome de Johnson.

—Agradeço-lhe cordalmente o seu offercimento, disse o criminalista. Creio que pelas noticias que tem de seu irmão não tardará muito que não sejam uma realidade os nossos communs desejos.

«Primeiro que tudo, diga-me: seu irmão é casado?

—Porque me pergunta isso? perguntou o medico, admirado.

—Porque a policia londrina suspeita que a sua volta á Europa, e especialmente á Inglaterra, apenas obedece ao desejo de averiguar-se aqui está sua mulher, que lhe fugiu.

«Sabe-se que James Bayfield tem uma irmã que foi com elle para a America. Não seria, pois, de extranhar que Lon a tivesse ali conhecido e tivesse casado com ella.

«A policia de Londres procura com interesse essa mulher, que se julga esteja aqui ou nos arredores, tendo mudado, naturalmente, de nome, para fornecer informações importantes que levem a uma pista segura.

«Do que se não pôde duvidar é de que no meio de tantas supposições ha alguma coisa de verdadeiro. Quem pudesse encontrar essa mulher, com certeza saberia o motivo por que esses dois criminosos vieram da America.

«Devem ter alguma causa, é importante, para assim se incommodarem a procural-a e segui-la de tão longe.

«Hontem quiz perguntar a Raphael Sullivan se sabia onde vivia a irmã de James quando este occupava o logar de caixa em sua casa.

«Resolvera perguntar lh'o quando voltasse de Lee, mas, como o encontrei n'aquelle estado, não era possível fallar-lhe em tal coisa.

—Talvez eu possa dar-lhes alguns esclarecimentos a esse respeito, disse o medico. Ante-hontem á noite, ao sair de casa da minha noiva, julguei vêr meu irmão a fallar com a creada de miss Gracia. Pensei n'esse momento que me enganava e não fiz caso, não me voltando sequer para vêr melhor.

«Tambem hontem, pouco antes de ir á *villa* de Sullivan, pareceu-me vê-lo ali de novo com a creada.

«Como não sabia que elle estava em Inglaterra, julguei que me enganava e que era alguém parecido com elle.

«Quando o sr. Holmes me fallou depois em Lon Ingrum, não me restou duvida alguma de que era elle e agora tenho a certeza que a creada de miss Gracia não é outra senão a mulher de Lon Ingrum e irmã de James.

«Não posso consentir em que junto da minha noiva esteja uma mulher que tem relações com criminosos!

«Além da deshonra que isso me traz, quem me diz que ella não prepara algum golpe de mão contra sua ama?

«Pôde agora comprehender a causa dos meus calafrios e da minha profunda perturbação quando ouvi dizer-lhe que estavam em Middlesworth meu irmão e James Bayfield.

«Desejava sair immediatamente da *villa* Sullivan

e ir a correr dizer á minha noiva que puzesse fóra a creada, pois talvez a ameaçasse um sério perigo.

—Não faça tal coisa, disse o criminalista. Procedendo assim, não faria mais que retardar e tornar talvez impossível a captura dos dois criminosos.

«A unica coisa que pôde fazer é avisar, com a maior prudencia, miss Gracia para que exerça a maior vigilancia sobre a sua creada, dando-lhe razões vagas como, por exemplo, que os creados de hoje, sem noções de moralidade, não estimam os amos pelos favores que d'elles recebem, mas que lhes teem odio e aversão, e outras razões n'este sentido.

«Não pôde suppôr a importancia que deve ter tido a conversação que houve entre Lon Ingram e sua mulher.

«Queira dizer-me onde mora miss Gracia Humbert.

—Em Regent-street, numero 10, respondeu Johnson. O sr. Holmes tenciona visital-a?

—Oh, não, respondeu o criminalista, sorrindo, não me atreveria a fazel-o, se primeiro lhe não pedisse licença.

«Apenas quero dirigir-me á creada.

«Tenho esperanza de que com a cooperação d'essa mulher não só prenderei Lon Ingram, mas ainda James Bayfield.

«Vou immediatamente pôr em pratica este plano e, por isso, vou dirigir-me a Regent-street.

«Ah! esquecia-me...

E Sherlock Holmes perguntou:

—Sabe por acaso o nome que usa essa creada?

—Chama-se Mabel Wilson.

—E' difficil abordal-a?

—Não, senhor, respondeu o medico. E' até muito amavel e sympathica.

—Isso augmenta-me os desejos de conversar com ella, volven o criminalista, rindo de novo.

E voltando-se para Harry Taxon:

—Emquanto eu não voltar, ficarás aqui, a fazer companhia ao doutor Johnson.

«Não saias antes de eu chegar. Não me demorarei muito, pelo menos assim o espero.

«Quando eu voltar, iremos os tres dar um passeio.

E voltando-se para o medico:

—Fica bem acompanhado, doutor. Harry é valente e estejam prevenidos para o caso de Lon Ingram e o seu companheiro James Bayfield se lembrarem de lhes virem fazer uma visita. Pôde muito bem dar-se esse caso.

«Dois homens pôdem defender-se melhor do que um.

Apertando as mãos do medico e do seu ajudante, despediu-se e saiu, dizendo do limiar da porta:

—Até logo!

Lon Ingram e James Bayfield, depois das scenas que narrámos, tinham recolhido ao tugurio, assim lhe podemos chamar, onde se julgavam ao abrigo de todas as pesquisas e d'onde os veremos apparecer no ultimo capitulo d'esta veridica narração.

Ahi, travára-se entre elles o seguinte e interessante dialogo:

—Que faremos agora, Lon?

—Aproveitar as circumstancias e exploral-as o melhor possivel. Tenho um plano que vou pôr em execução e que conto dê o melhor resultado. E se assim fôr, como espero, ainda hoje nadaremos em ouro.

—Se formos tão felizes como na villa Sulivan!

—Descansa, que a má sorte nem sempre nos ha de perseguir. Digo-te o repito-te que o meu plano vae ser coroado do melhor exito. Aproveitarei a minha pareença com meu irmão para me introduzir em casa da sua noiva, e ahi...

—Ahi?...

—Com a cumplicidade, voluntaria ou forçada, de minha mulher, alguma coisa se ha de arranjar.

—Tem cuidado, Lon. Aa mulher nunca devem saber o que se passa. E' sempre um perigo confiar n'ellas.

—Ora adeus! Tua irmã não nos atraçoará.

—Quem sabe? Bem vêes que ella nos fugiu e veiu para Inglaterra, em vez de se prestar a ajudar nos.

—Sim, é verdade, mas, apesar de tudo, ella ama-me.

—Vaidade de homem!

—Não é vaidade, affirmo-te. Quando me viu apparecer de subito; ficou atterrada, mas ao mesmo tempo conheci-lhe no rosto a satisfação que sentia ao vêr-me na sua frente. A sua voz tinha uma expressão que não engana. Resurgiu o passado.

—Cuidado, Lon, não te deixes illudir!

—Julgas que sou alguma creança? Conheço as mulheres melhor do que tu. E não admira, porque tenho encontrado tansas, que se deixam seduzir pelo meu physico. E então, quando me intitulo medico, usurpando o logar de meu honrado irmão, d'esse imbecil, ellas caem como moscas.

—Sim, sim, mas tenho medo. As mulheres são sempre a perdição dos homens fortes como nós.

—Repito-te que não tenhas receio. Verdás que o meu plano sairá bem e como arranjaréi dinheiro com fartura. A tal miss Gracia é rica, riquissima, e não lhe fará differença o repartir commigo e sua noiva.

E o bandido pôz-se a rir, secundado pelo seu digno cumplice.

—Tem graça! exclamou Bayfield. Ella a julgar-se roubada pelo noivo. O que eu gostava era de vêr a cara com que teu irmão ficará ao ter conhecimento da tua nova proeza.

—Com que cara ha de elle ficar? Com a de tolo que tem, accrescendo a circumstancia de que miss Gracia nada dirá, pois decerto não quererá accusar o seu querido noivo, nada se vindo, portanto, a saber, o que será magnifico para nos podermos pôr a salvo.

—E quanto antes, melhor. Para te fallar com franqueza, não me sinto bem aqui. Não ha nada como a America para a gente poder descansar. Ah!, ao menos, não encontraremos esse maldito espião que parece perseguir-nos por toda a parte. Ah, que se eu pudesse vingar-me d'elle!

—Descansa, que talvez se consiga. Se lhe tens vontade, eu não tenho menos e, palavra do Lon Ingram, que mais cedo ou mais tarde lhe hei de pregar uma partida das minhas.

—O maldito é muito forte e tambem muito habil, forçoso é confessional.

—E' verdade, mas já uma vez se quiz bater conosco e não levou a melhor.

—Veremos o que se poderá fazer. Por agora, o que queria era encontrar-me fóra d'aqui o mais depressa possível.

—Ainda hoje nos poderemos pôr ao fresco e principalmente se o meu plano for bem succedido, como espero. Vou a casa de miss Gracia e depois de voltar de lá fallaremos sobre o que se deve fazer. Se me demorar um pouco, não te inquietes.

—Vou dar uma volta, pois o tempo assim parecer-me-ha menos longo.

E os dois bandidos saíram.

CAPITULO IV

Roubo em casa de miss Gracia

Na occasião em que entre Sherlock Holmes e o dr. Johnson se travava a conversação que relatámos no capitulo anterior, souu levemente no corredor do primeiro andar da casa de miss Gracia Humbert a campainha electrica.

A tia da joven e toda a creadagem tinham saído. Apenas se encontravam em casa a joven miss e a sua creada de quarto Mabel Wilson, rapariga bastante formosa, dos seus vinte e seis annos.

O toque era o que costumava fazer o noivo de miss Gracia.

Como esta estava incommodada, a creada foi a toda a pressa abrir a porta.

Miss Gracia estava muito pezarosa por não ter visto o noivo havia dois dias, não sabendo a causa de tão subito retrahimento.

Tambem Mabel estava pouco satisfeita. O não ter apparecido ainda o dr. Johnson trazia-a preocupada e pensativa.

Ainda outro motivo a tornava triste.

A inesperada presença de seu marido Lon Ingram de quem se separara por causa da má vida que elle levava, tinha-a perturbado profundamente.

A conversação que com elle havia tido dois dias antes, á noite, causára-lhe tão dolorosa impressão ao vêr a vida de crimes que elle levava, que jurára nunca mais na sua vida lhe tornar a fallar.

Havia tido a esperanza, ao sair da America, que seu marido e seu irmão nunca mais a tornariam a vêr e que a deixariam em paz, em casa de uma familia honesta, ainda que como creada, mas via com tristeza que a sua infelicidade não acabaria nunca neste mundo.

Era tão feliz em casa de miss Gracia Humbert!

A narrativa do duplo assassinio commettido em casa de Sullivan, publicada pelo unico jornal que havia em Middlesworth, enchera-a de terror.

Reconhecera n'aquelle crime a mão de seu marido e a de seu irmão.

Ninguém se teria atrevido, a não serem uns selvagens como elles, a assassinar de modo tão barbaro uma indefeza e innocente joven e um pobre e fiel creado.

Na visita que dois dias antes Lon Ingram lhe fizera, Mabel declarára-lhe que escusavam elle o seu irmão de ali voltarem, porque os não receberia.

E ameaçara-o de os denunciar se teimassem em querer fallar-lhe.

Ao ouvir tocar a campainha, um estremecimento lhe percorreu todo o corpo.

Assaltou-a um presentimento.

—Será meu marido ou meu irmão? Ou serão os dois que aqui veem? disse ella consigo. Desgraçada de mim, que me matam.

Tranquillizou-se, porém, um tanto ou quanto.

O modo de tocar era o do dr. Johnson.

E miss Gracia ia ficar toda satisfeita.

Em bicos dos pés atravessou o corredor e espreitou pelo ralo da porta.

Respirou livremente como se lhe tivessem tirado um pezo de cima do peito e abriu a porta.

Aquelle que tocára a campainha era o dr. Johnson.

Pelo menos, ella assim o julgava.

O vestuario, o andar, os gestos, a falla eram os de medico.

Apenas a porta se abriu, elle perguntou por Gracia.

—A menina está incommodada, respondeu Mabel.

—Incommodada? exclamou e visitante, admirado.

Está de cama?

—Sim, senhor, está deitada.

—Estão sósinhas?

—Sim, senhor.

—O que é que lhe dóe?

—A cabeça e está muito inquieta.

—Vamos para a sala de visitas, miss Mabel. Creio que será uma ligeira indisposição. Com a receita que vou passar, amanhã estará boa.

E accrescentou:

—Se estivesse a tia de Gracia pedir lhe-hia para me receber, mas...

Mabel acompanhou-o á sala de visitas.

O medico sentou-se a uma mesa e passou a receita em que fallára.

—Se ella está de cama, não posso vê-la.

Mas, como que reflectindo:

—Apesar d'isso, tudo se póde arranjar, disse elle. Queira ir dizer-lhe que a espero aqui e que, no caso de poder levantar-se, venha para conversarmos e eu a vêr.

Apenas Mabel saiu, para ir dar o recado, levantou-se u supposto doutor e abriu a porta da sala contigua. Sobre uma pequena mesa de marmore viu uma pequena caixa, muito elegante.

Precipitou-se para ella com a velocidade do raio. Abriu-a com a pressa d'aquelle a quem sobra o tempo para gozar de um prazer e reflectiu-se-lhe no rosto a intima satisfação de que o seu coração se sentia possuido.

A pequena caixa estava cheia de joias!

Tinha-a esquecido ali miss Gracia quando a levava para a guardar no seu *boudoir*.

Conheceu que essas joias valiam uma fortuna e, com a rapidez do pensamento, voltou de novo á sala de visitas, não sem primeiro ter mettido no bolso o contheudo da caixa.

Por infelicidade, exactamente n'aquelle momento apparecia á entrada da porta da sala Mabel, a qual percebeu o que o supposto medico fizera.

Soltou um fraco gemido, afogado na garganta pelo assombro, e exclamou:

—Não me enganas! E's Lon! Ladrão, assassino, ou pões ahí o que roubaste, ou grito por soccorro.

—Não gritarás, minha querida, replicou, rindo o criminoso, que era realmente o marido de Mabel. Se fazes o menor motim, has de lembrar-te de quem eu sou.

«Que tal está a senhora, não queres vêr?»

«Conhecer-me-ha miss Gracia ao receber-me? Ou não quer vir?»

«Oxalá que não venha, porque n'esse caso terei tempo para examinar detidamente tudo quanto aqui haja que me possa convir.

«Creio que no gabinete de tua ama deve haver mais do que o que pude apanhar durante a viagem. E soltou uma gargalhada.

Mabel estava pallida como um cadaver e toda tremula.

A ameaça que o marido lhe fizera produzira effeito.

—Mulher, ou fallas, ou mato-te.

E com um gesto de ferocidade:

—Vim aqui para que me desses esclarecimentos e não succeder o que hontem nos aconteceu: o commettermos uma crueldade para apenas encontrarmos meia duzia de vintens.

«O patife de Sullivan vê-se que tem medo de ladrões pois em casa não tem dinheiro algum.

«O tolo de teu irmão é que teve a culpa, que me prometteu que na *villa* encontraríamos mundos e fundos, quando afinal saímos de lá com as mãos quasi a abanar.

Dirigiu-se para outra sala proxima na qual Mabel acabava de entrar e approximou-se de uma secretárias de senhora, cuja gaveta d'ahi a momentos estava aberta.

Se era dinheiro que procurava, os seus desejos foram satisfeitos e como elle não esperava de certo.

Estava cheia de moedas de ouro e de notas do banco.

Ingrum mettu tudo nos bolsos.

Acabava elle de tirar o ultimo punhado de moedas, quando Mabel se sentiu quasi a ponto de desfallecer.

Ouvia no corredor, muito perto d'ali, passos que se approximavam.

—Meu Deus! murmurou ella angustiada. Ahí vem miss Gracia. Vae suppôr que favoreci este patife e que sou cúmplice do roubo.

—Não sejas tola, disse Ingrum, rindo. Aquí, não fizeste mais que o papel de chamariz.

E dirigiu-se para a sala de visitas.

—Se eu aqui não voltar, arruma tudo e dize que andei em procura d'uma receita. Affirma que foi o dr. Johnson quem aqui esteve. De modo algum faças reair as suspeiças sobre mim.

«Lembra-te bem do que te digo, senão commigo tens de haver-te.

«Se miss Gracia não quizer acreditar-te e, ainda mais, se tiveres medo de que te succeda alguma coisa, vae ter commigo, que te receberei de braços abertos e te levarei, como hontem te disse, para a America.

«Ahí estarás em segurança.

«Hoje, ás oito horas da noite, esperar-te-hei na hospedaria.

«Tenho que te fallar. Se quizeres, d'ali irei pôr-te em logar seguro.

De vontade ou á força, Mabel teve de conformar-se com o que se passava.

Ingrum pegou n'um frasco, como se fôra um medicamento, e entregou-o a sua mulher.

N'esse momento entrava na sala de visitas Gracia Humber, vestida apenas ligeiramente.

Lon Ingrum foi recebê-la e abraçou-a com modos carinhosos e com ar satisfeittissimo.

Aquelle momento de felicidade junto do noivo que adorava compensaram a joven amplamente do soffrimento que durante dois dias lhe causara a sua ausencia.

—E's muito mau, Estevão. Fizeste-me soffrer muito! exclamou ella depois dos primeiros abraços. Porque te demoraste tanto em vir vêr-me? Não sabes que a minha doença é causada pela tristeza de te não ter ao meu lado? Não me amas?

—Tontinha! replicou o bandido, fingindo ser o medico, aquelle a quem ella adorava. Não sabes que tenho muito trabalho? Vim aqui te para cumprimentar, porque não podia passar sem te ver. Como desejava passar aqui horas e horas! Mas não posso e tenho immediatamente de me ir embora!

«Disse-me Mabel que te doe a cabeça. Toma o remedio que te receitei e verás emquanto isso te passa.

«Como não sabia se poderias vir aqui, tratei de escrever a receita e Mabel andou com tão boa vontade que já voltou da pharmacia.

«Precisas de muito socego. Vae-te deitar. Logo á noite virei vêr-te de novo.

—O malvado rodeou-lhe a cintura com um braço e acompanhou-a até á porta do seu quarto.

Foi elle mesmo quem a abriu e teve a ousadia, para lhe não dar outro nome, de a apertar ao peito e a beijar no rosto.

Despediu-se d'ella e dirigiu-se para a escada.

Ao chegar ao meio, ouviu um ruido que o assustou.

Precipitou os passos para não ser surpreendido pela pessoa que se approximava.

—Será meu irmão? perguntava elle a si mesmo. Era o diabo se assim fôsse e com certeza me incomodavam.

Desde que chegára a Middlesworth, soubera que seu irmão era o noivo de miss Gracia Humbert. Resolvera aproveitar-se da sua pareença com o doutor como dissemos já, para entrar em casa d'esta e praticar um grande roubo.

E acabava de realisa-lo.

O homem cujos passos haviam assustado Lon Ingrum era alguém um pouco mais temivel que Estevão Johnson.

O ladrão teve tempo sufficiente para se occultar no vão d'uma porta do rez do chão.

Viu passar pela sua frente o homem mais temivel do mundo.

Apesar do magnifico disfarce que levava, Lon reconheceu no lavrador que subia as escadas o celebre criminalista de Londres, Sherlock Holmes.

Ficou quasi sem poder respirar e encolheu-se todo, resolveu de empregar todos os meios para saber a que fim obedecia a visita do criminalista aquella casa.

Do esconderijo onde se encontrava seguiu com a vista todos os movimentos do criminalista.

Viu-o subir a escada chegar, ao primeiro andar e tocar a campainha.

—Irá visitar miss Gracia? E se esta dá pelo roubo? perguntava-se elle.

Não demorou muito que a porta fosse aberta.

Apenas esta se abriu, o criminalista reconheceu Mabel. Apesar dos annos decorridos, não se lhe apagara da memoria a imagem d'aquella mulher.

Elle não reconheceu no humilde lavrador o perseguidor de seu irmão e marido.

Quando elle lhe declarou que tinha de fallar-lhe acerca de um assumpto muito importante, esteve quasi a dar-lhe com a porta na cara, pois julgava que aquelle homem queria enganar-o ou zombar d'ella.

Reflectiu durante um momento no que devia fazer. Mas o falso lavrador não lhe deu tempo a coisa alguma, pois, abrindo a porta, entrára para dentro de casa.

Mabel não se atreveu então a pôl-o fóra.

Apenas a porta se fechára atraz de Sherlock Holmes, Ingrum subiu devagarinho as escadas e pôz-se a escutar a conversação entre o criminalista e Mabel, que estavam no corredor.

Mas fallavam tão baixo que, apesar de ter bom ouvido e prestar toda a attenção para não lhe escapar uma unica palavra, só ponde ouvir Mabel dizer:

—Como se atreve o senhor a afirmar isso?

E, pouco depois, ouvia-a acrescentar:

—Como o soube?

Notou que se dirigiam para o interior da casa, sem poder ouvir mais palavra alguma.

Sherlock Holmes e Mabel tinham entrado no aposento que servia de quarto de cama á creada.

Como tivessem decorrido uns dez minutos e Ingrum não pudesse ouvir coisa alguma, nem vêr nada, desceu a escada e dirigiu-se para sua casa, muito contente por se ter apoderado de umas seis mil libras esterlinas.

CAPITULO V

O acido prussico

—Como se atreve o senhor a afirmar isso? havia perguntado Mabel no correr do celebre criminalista.

Essa pergunta fôra motivada por uma outra pergunta de Sherlock Holmes, o qual, apenas lhe vira o rosto, lhe dissera:

—Não é verdade que o seu nome é sr.^a Ingram e não miss Mabel?

E, ao entrar no quarto, sem saber o que dizer, ella acrescentára:

—Como o soube?

—Sim, é a sr.^a Ingram, respondeu socegradamente o criminalista. Mas se se admira d'ou saber isso, muito mais admirada ficará quando souber quem eu sou.

«Naturalmente, suppõe que sou um lavrador. Pois, se julga isso, está em erro.

«Sabe quem tem na sua presença? O policia de Londres, Sherlock Holmes.

—O policia... Sherlock Holmes? exclamou ella, saltando um grito de espanto.

E teria caído desmaiada no chão se o criminalista a não tivesse recebido nos braços.

«Sentou-a n'uma cadeira e, depois de ter passado a primeira impressão, disse-lhe:

—Sim, sou eu. Peço-lhe que não teime em guardar silencio sobre o que lhe vou perguntar e me diga a verdade sem receio algum, pois tenho direito de fazer-lhe as perguntas que me parecer conveniente.

«A policia está plenamente convencida de que a senhora está innocente nos crimes de seu marido e que o motivo que a levou a separar-se d'elle e que a fez sair da America foi o mau procedimento de Lon Ingram.

Mabel bebeu um copo de agua, para se reanimar, e disse-lhe:

—Sim, senhor, é verdade... não queria estar na companhia de um homem tão criminoso.

«Quando conheci Lon Ingram em Philadelphia, meu irmão apresentou-m'o como um homem honrado. Só depois de ter casado é que soube os abominaveis feitos que elle praticava.

«Resolvi então, custasse o que custasse, separar-me d'elle e procurei a opportunidade de o fazer.

«Apareceu a occasião opportuna e tive a inequa-

lavel ventura de acompanhar da America aqui miss Gracia Humbert, a minha bondosa e amavel senhora. Desde esse momento não me afastei do seu lado, servindo-a na qualidade de creada.

«Não tornei a vêr e ainda muito menos a fallar com Lon Ingram.

—Então negará, sr.^a Ingram, que ante-hontem á noite esteve a fallar com elle? perguntou o criminalista, fixando a sua interlocutora com um olhar penetrante.

«Ella purpureou-se toda. Não podia occultar coisa alguma.

—O senhor sabe tudo! exclamou ella com angustia.

—Como a nossa profissão nos obriga a estar sempre alerta, não é para extranhar que vejamos e ouçamos muitas coisas, disse o criminalista.

E, apoz uma breve pausa, acrescentou:

—Mas, responda-me: fallou ou não com seu marido ante-hontem á noite?

—Sim, senhor, respondeu ella perturbada. Estava eu á porta de casa, não havia ainda muito tempo, quando elle se approximou de mim, tratando-me pelo nome de Mabel.

«Pareceu-me que ia cair desmaiada de medo e, ao recuperar algum animo, quiz fugir.

«Mas elle, que adivinhára a minha intenção, agarrou-me as mãos e segurou-me com força.

«—Mabel, disse-me elle então, commettes uma injustiça ao viveres separada de mim, visto que és a minha adorada mulher.

«Não tens já motivos para isso, pois mudei de proceder, sou outro, emendou-me o amor que te tenho.

«Voltaremos á America para passarmos uma vida tranquilla e socegada; não teremos receio pelo dia de amanhã, pois fica sabendo que, devido a um negocio que encetei e continuarei, honradamente é claro, viveremos em situação desafogada.

«Vem commigo e não te has-de arrepender».

«—Apesar de julgar sinceras as palavras que me dirigia, disse-lhe que tinha jurado não voltar para seu lado e que estava resolvida a cumprir a minha palavra.

«Ainda acrescentei que resolvera não tornar a vê-lo e que se insistisse em vir visitar-me, contra minha vontade, tivesse medo; porque...

«E sem acrescentar mais afastei-me precipitadamente d'elle, por causa do medo que senti em que me fizesse pagar o meu atrevimento e as minhas ameaças.

«Elle ficou immovel e pareceu-me tão profundamente abatido que me causou compaixão...

—E não o tornou a vêr desde ante-hontem? perguntou Sherlock Holmes em voz firme e com um olhar imperioso.

A sr.^a Ingram não se atreveu a responder.

—Falle, exclamou o criminalista com voz imperiosa. Com certeza deve saber que hontem á tarde seu marido e seu irmão James Bayfield se tornaram culpados de novos crimes. . .

«Se me não diz o que sabe acerca d'elles ambos, torna-se suspeita de cumplicidade e, portanto, prendel-a-hei segundo me auctorisa a lei.

«Não lhe tornou a fallar desde ante-hontem á noite?

—Sim, senhor. Esteve hoje aqui, n'esta casa.

—Aqui, hoje? Quando? perguntou o criminalista com vivacidade.

—Haverá um quarto de hora, se tanto, que saíu. Deve ter-se encontrado na escada com o senhor.

Sherlock Holmes não poudo occultar a angustia que tal revelação lhe causava.

—Mas é possível! Tel-o-hia visto! . . . Talvez. . . murmurou elle, mais como quem falla consigo mesmo do que com outra pessoa.

E, sem proferir mais palavra, abriu a porta do quarto, correu á da escada e examinou esta detidamente.

Ao vêr ao lado, no rez do chão, uma porta escura, á moda de nicho, exclamou, mais irritado contra si mesmo do que contra o criminoso que havia zombado da sua astucia:

—O patife occultou-se aqui quando eu entrei. Como deve ter-se rido de mim! Mas rirá bem quem fór o ultimo a rir.

E voltou para o quarto da sr.^a Ingram.

—Qual foi o motivo da visita de Lon? perguntou elle, logo que se viu em presença da infeliz mulher. Queria levál-a d'aquí?

—Não, senhor, respondeu ella com tristeza, d'esta vez não se apresentou como meu esposo. Recibi-o julgando que era o dr. Johnson, o noivo da minha senhora, e tão convencida estava d'isso que até o tratei umas poucas de vezes por esse nome.

Empallideceu.

O criminalista adivinhou immediatamente o que ali se tinha dado.

Sem precisar de ser incitada, contou ella, no meio d'uma torrente de lagrimas, o roubo que seu criminoso marido acabava de praticar e como fôra obrigada a não revelar a miss Gracia Humbert que aquelle homem não era o seu noivo, o dr. Johnson, mas Ingram.

Tambem não occultou que, receiando que miss Gracia Humbert descobrisse que ella era esposa de um ladrão, lhe tinha dado o frasco que o marido lhe tinha entregue.

Suspeitou immediatamente o criminalista que o fim do criminoso, ao dar esse frasco a Mabel era envenenar miss Gracia.

Em tom imperioso, ordenou:

—Vá já, á, ao *boudoir* de sua ama e diga-lhe que não desarrelhe o frasco que lhe entregou e que de fórma alguma beba o seu conteúdo.

A creada correu immediatamente para o quarto de cama de miss Gracia, seguida pelo criminalista, que ficou á porta.

Quando ouviu soar uma voz meiga e suave respirou desafogadamente Sherlock Holmes.

Ainda estava viva miss Humbert. O crime não se consummára.

Como miss Gracia desse dentro em pouco pela presença d'alguem á entrada da porta do seu quarto, levantou-se um tanto admirada, pois julgava estar só em casa com a creada, que se encontrava a seu lado.

Mais admirada ficou ainda quando, afastando o cortinado do leito, viu um lavrador, o qual, ao avistál-a, a cumprimentou com a maior cortezia.

—Meu Deus! exclamou ella. Que quer isto dizer, miss Mabel? Porque estás tão perturbada e me queres tirar este frasco com um tal empenho?

«E quem é aquelle homem?

—Chamo-me Sherlock Holmes, miss Humbert, respondeu o criminalista, adeantando-se alguns passos. Tenho immensa satisfação de haver chegado a tempo de impedir uma grande desgraça. Faz-me o favor de me mostrar o frasco que entregou á sua creada o supposto medico Johnson para que a senhora tomasse algumas gottas?

Miss Humbert apresentou-lh'o sem proferir palavra, assustada pelo que o criminalista acabava de dizer.

Sherlock Holmes desarrolhou o frasco com o maior cuidado. Apenas o abriu, exclamou aterrado:

—Santo Deus! E' acido prussico. Uma gotta d'este veneno é sufficiente para matar uma pessoa.

«Mas não é um criminoso, é um diabo do inferno!

—Como? exclamou miss Gracia Humbert com desespero, Estevão, o meu querido Estevão, quiz matar-me?

E teve de sentar-se n'uma poltrona proxima, com o auxilio do criminalista, pois ia quasi desmaiando.

—Não, minha senhora, disse Sherlock Holmes, depois d'ella se ter sentado, não foi o medico que aqui esteve, mas sim Lon Ingram, o irmão do dr. Johnson.

—Lon Ingram. . . irmão do dr. Johnson! exclamou ella.

—Sim, minha senhora, repetiu o criminalista. Infelizmente vejo-me na imperiosa necessidade de lhe dizer toda a verdade.

«Lon Ingram, que é extraordinariamente parecido com seu irmão Johnson, aproveita-se frequente-

mente d'essa semelhança para attribuir a seu irmão os crimes que elle commette.

«Impellido pelo odio mortal que lhe tem, apresentou-se hoje aqui, enganou a sua creada e introduziu-se nesta casa.

«Permitte-me, miss Gracia, que passe uma busca aos aposentos onde elle esteve?

—Suspeita que elle tenha commettido algum roubo? perguntou a joven, assustada.

—Sim, minha senhora, respondeu o criminalista, a julgar pelo que a sua creada me declarou quando esteve a fallar a sós commigo.

—Tudo quanto aqui tinha estava na minha secretária, disse ella.

E apóz uma breve pausa, exclamou de subito, soltando fundo suspiro:

—Recordo-me agora de que deixei em cima da pequena mesa de marmore da sala proxima da de visitas o collar de diamantes, presente de meu fallecido pae.

E dirigiu-se apressadamente para a sala a que se referia, seguida pelo celebre criminalista e pela creada.

—O estojo está vazio!

Correu á secretária, abriu a gaveta e nada encontrou.

Tinha sido roubado tudo!

Durante alguns minutos não cessaram as lagrimas de lhe correr pelas faces, soltando ao mesmo tempo fundos suspiros.

O criminalista prodigalisou-lhe consolações. Ella, porém, não encontrava lenitivo, principalmente por causa da perda do collar de diamantes.

—Fique descansada por completo, minha senhora, disse-lhe o criminalista, depois de a vêr um pouco mais serena, porque tanto o seu noivo, o dr. Johnson, como eu, teremos a satisfação de arrancar das mãos dos criminosos as joias e o dinheiro roubados e lh'os devolveremos.

—Atrever-se-ha Estevão a levar aos tribunaes... seu irmão? perguntou miss Gracia.

—Com certeza que sim, respondeu o criminalista. Ha alguns annos já que não tem relações, não lhe tem amizade alguma.

«Como quer que o dr. Johnson tenha amizade a um malvado, um ladrão, um verdadeiro assassino?

—Porque é que Estevão não vem vêr-me ha dois dias? perguntou ella.

—Porque, segundo me declarou, era facil que o irmão, impellido pelo odio que lhe tem, penetrasse em sua casa, para se desfazer d'elle. Por isso, avisou-me e pedi-me para me não separar d'elle, não querendo sair de casa, para o receber frente a frente.

«Como vê, miss Gracia, não posso estar muito tempo ausente de casa do seu noivo.

Por isso, desculpar-me-ha que me despeça de si e não fique em cuidados, porque em breve o criminoso será preso e miss Gracia reaverá o que lhe foi roubado.

Despediu-se com a maior affabilidade e deitou um olhar á creada para que o acompanhasse ao corredor.

Esta comprehendeu o que elle queria e seguiu-o, como que para o acompanhar, a fim de lhe abrir a porta.

Ao encontrarem-se sósinhos, ella pegou-lhe na mão e disse-lhe:

—Desejo satisfazer todos os seus desejos. Quer saber onde se occulta Ingram?

«A lucta que se me travou no intimo para saber se devia ou não declarar-lhe isto, foi grande... Se duvidei em dever dizel-o, deve comprehender a causa... porque, emfim, Ingram é meu marido...

«As palavras, porém, que o senhor proferiu deante de mim na presença de miss Gracia revelaram-me que commetteria uma injustiça se eu fôsse a causadora d'elle continuar na senda do crime.

«Quando Lon veio aqui ante-hontem, como já lhe contei, disse-me que talvez eu estivesse exposta a suspeitas e grandes perigos, incluindo o de perder a liberdade.

«Disse-me que, se eu receiasse isso, abandonasse immediatamente a casa e fôsse ter com elle, para fugirmos para a America.

«Como estava convencido de que hoje mesmo eu correria esses perigos, disse-me que me dirigisse esta noite ás oito horas á hospedaria da Rosa Branca, pois me esperaria ali para fugirmos.

—Agradeço cordealmente, sr. ² Ingram, essa declaração, exclamou o criminalista, parecendo muito satisfeito. Seu marido deve ter-lhe dito a verdade. A hospedaria da Rosa Branca é uma casa muito minha conhecida, pois é o ponto de vermião de toda a gente perversa d'estes arredores.

«Como creio que a senhora não terá desejo algum de seguir seu esposo á America, irei eu ahi em seu logar.

E apertando-lhe a mão, despediu-se d'ella. Deu uma volta nos calchares e dirigiu-se apressadamente para o hotel.

—A declaração de Mabel de que seu marido estárá ás oito horas da noite na Rosa Branca parece-me muito suspeita, murmurou o criminalista enquanto caminhava. Julgo que me não engano ao crêr que, apesar de todos os seus protestos contra o marido, me quiz fazer dar uma caminhada debalde.

«O roubo que o marido praticou em casa de miss Gracia, a entrega do frasco de acido prussico, demonstram claramente um certo entendimento entre a mulher e o criminoso marido.

«As explicações que me deu não me satisfazem.

por completo... pelo menos não me desvanecem o receio de que ella queira agora que eu deixe fugir o marido, esperando até ás oito horas da noite.

«Quem acredita em mulheres?»

«Seriam insensatos tanto Ingrim como o seu companheiro James Bayfield se, depois de terem roubado tão avultada quantia a miss Gracia Humbert, não fugissem de Middlesworth e se deixassem ficar socegados até á noite, para se reunirem a uma mulher que podia perfeitamente atraçal-os.

«E não é só isto, Em que cabeça se mette que uns criminosos, depois de praticarem a sua façanha, se reúnem n'uma casa altamente suspeita e que, sem duvida, será a primeira a ser visitada pela policia?»

«Portanto, commetteria eu uma loucura se perdesse o meu tempo em ir ás oito horas da noite á hospedaria da Rosa Branca.

«Sei para onde os passaros devem ter levantado o vôo. Harry e eu iremos apanhal-os, antes que elles desapareçam com o producto do roubo.

E apressou o passo, como que assustado pelo pensamento que lhe havia occorrido.

Apenas chegou ao hotel do Bom Gosto, que fóra aquelle onde se hospedára, pediu communicação telephonica com a casa do dr. Johnson, onde, como sabemos, se encontrava o seu joven ajudante Harry Taxon, a fim de evitar ao doutor uma surpresa desagradavel da parte de seu irmão.

Sherlock Holmes disse a Harry que, com o medico, se dirigissem immediatamente ao hotel, onde os ficava esperando com impaciencia.

CAPITULO VI

Viagem inesperada

Um quarto de hora depois, estavam Sherlock Holmes, Harry Taxon e o dr. Johnson n'um dos aposentos do hotel, onde ninguém os podia ouvir.

—Muito bem, meus senhores, disse o criminalista, durante a minha ausencia não receberam a visita de nenhum dos criminosos? Por acaso seu irmão Lon Ingrim não mexeria na sua pharmacia, dr. Johnson, e não levaria alguns ingredientes?

—Não, sr. Holmes, respondeu, rindo, o medico, que julgava que o criminalista fallava zombeteiramente. Não appareceu nenhum d'elles, nem só, nem juntos.

«Desejo dar-lhe parte d'algumas observações que fiz acerca dos assassinos de hontem, mas mais tarde, quando tivermos tempo, fallaremos a tal respeito.

«Diga-nos primeiro que resultados teve a sua visita a Regent-street, a casa da minha noiva.

Succintamente, mas sem omitir o essencial, contou Sherlock Holmes tudo o que Lon havia feito em casa de miss Gracia Humbert antes d'elle alli entrar, e o que tinha descoberto.

Aos dois ouvintes custava a crer em tal descaramento e ousadia do bandido.

Especialmente o medico, não podendo conter o seu fundo rancor, exclamou desesperado:

—A impudencia de Lon faz trasbordar a medida. Não posso toleral-o por mais tempo, chegou o momento em que a humanidade vae vêr-se livre de semelhante monstro.

—Mas não hesitará no ultimo momento?

—Porque hei de hesitar?

—E' seu irmão e os laços de sangue nem sempre se quebram com felicidade. Deve reflectir n'isso, doutor.

—Reflecti já, sr. Holmes. Preso-me de ser homem honrado e commetteria um crime de lesa humanidade se concorresse para que um criminoso de tal jaez continuasse á solta.

—Concordo plenamente com que o dr. Johnson diz, apoiou Harry Taxon. E entendo que todo o homem honesto deve assim proceder.

—E' essa a minha opinião, redarguiu o criminalista, e as minhas palavras não querem dizer que eu duvide do doutor. Comtudo, a minha observação é justificada. Não se deve esquecer que Lon Ingrim é seu irmão.

—Que importa? Renego-o, o que, de resto, já ha muito succedeu, como lhe expuliquei, sr. Holmes. Não é meu irmão o bandido que rouba, que assassina, que commette todos os crimes para saciar a sua sede inextinguivel de ouro, para saciar os seus vis instinctos.

«E se meus paes fôsem vivos, morreria de dor e de vergonha. Viu me chorar, sr. Holmes. Eram lagrimas de sangue as que vertia e de cada vez que a recordação de Lon me acode á mente sinto-me até empallidecer, porque imagino que toda a gente conhece o meu segredo e lê no meu rosto a vergonha.

—Muito bem. Procede e falla como um homem honrado que é. Tratemos, pois, do que mais importante é n'este momento, a captura dos dois miseraveis bandidos.

—Estamos promptos a acompanhal-o mestre, disse Harry Taxon.

—Somos resolutos, nada nos mette medo e não são com certeza dois baadidos que nos farão recuar, accrescentou o medico. Pela minha parte, posso garantir-lhes que perderei a vida, mas não recuarei.

—Estou plenamente convencido d'isso, dr. Johnson, disse Sherlock Holmes, com gravidade.

E, voltando-se para Harry:

—E' preciso, porém, adquirir a certeza de que os dois miseraveis não poderão escapar. Não temos ain-

da senão presumpções moraes dos crimes que elles aqui commetteram. Precisamos provas convincentes e palpaveis para apresentar á justiça.

—Havemos de encontrar-as, sr. Holmes retorquiu o ajudante do celebre criminalista com uma fé inabalavel.

—Então o roubo de que miss Gracia Humbert foi victima não será uma prova convincente? perguntou o dr. Johnson.

—Sim, é em parte, mas não no todo. E eu, quando accuso, gosto sempre de apoiar a accusação em provas irrefutaveis.

—E' um systema magnifico e que tanto nome lhe tem dado, sr. Holmes. Creio que bastará o meu testemunho para corroborar essa accusação.

—Não se importa de apparecer o seu nome envolvido no processo, que vae ser escandaloso?

—Não, a bem da humanidade e da justiça, embora isso me doa, estou prompto para tudo, para todos os sacrificios.

—Muito bem. Tratemos então de dar caça aos miseraveis.

—Suppõe realmente, sr. Holmes, que Lon e o seu digno companheiro estarão ás oito horas da noite na hospedaria da Rosa Branca?

—Não, respondeu o criminalista. Provavelmente, a sr.^a Ingram, tendo ainda um certo amor ao marido e ao irmão, quiz-me enganar, para que, deixando-me embalar pela certeza de os encontrar áquella hora, elles tenham tempo para fugir de Middlesworth.

«Por isso, resolvi ir procural-os agora mesmo a outra parte.

«Elles sabem perfeitamente que a policia teria muito pouco trabalho em os suprehender n'essa hospedaria, o local onde os agentes se dirigirão primeiro. Portanto, creio que vão refugiar-se em logar menos conhecido. Tenho a certeza de que o abandonarão hoje antes de cair a noite.

«Foi por isso que lhes telephonei para virem aqui, a fim de me ajudarem a impedir a fuga d'esse par de anjos.

—Onde crê que elles se dirigirão ao fugirem d'aqui? perguntou o dr. Johnson.

—Supponho que se metterão no primeiro comboio que saia em direcção a Londres, replicou o criminalista. Resolvi, portanto, que Harry me acompanhe á estação para lhes deitarmos a mão, apenas os avistemos.

«Antes, porém, vamos mudar de fato.

«Estou convencido de que o Lon Ingram me reconheceu apesar do meu disfarce de lavrador. Se assim não fôsse, não se teria occultado.

—Tambem creio o mesmo, disse o medico. Em poubo tempo pode arranjar outro disfarce?

—Diz isso para me vestir depressa? perguntou o

criminalista. O comboio para Londres sae d'aqui a pouco?

—Não, senhor, respondeu o medico. Demorará ainda hora e meia. Ha coisa de uma hora que saiu o ultimo para a capital e os comboios passam com intervallo de duas horas e meia. Mas convem aproveitar o tempo.

«Desejo expôr-lhe um plano meu para prender os criminosos.

—Falle, mas depressa, replicou o criminalista.

—Pouco antes de sair de casa com o sr. Taxon, para nos dirigirmos para aqui, fez-me uma declaração, que me parece importante, um rapaz cuja familia vive no andar por cima da mim.

«Esse rapaz estava ante-hontem sentado na praça e um tanto ou quanto distrahido, quando foi subitamente assaltado por um homem, que nos primeiros momentos elle julgou fôsse eu.

«Fez-lhe frente o animoso rapaz e o assaltante viu-se obrigado a fugir precipitadamente.

«O assaltado resolveu segui-lo fôsse onde fôsse. Por isso, seguiu-o dissimuladamente percorrendo algumas ruas, até que o viu parar n'uma, abrir uma porta com uma chave e entrar.

«Jimmy Holt, que assim se chama esse rapaz, pensou em dar alarme aos moradores do predio, a fim de o apanhar em flagrante. Hesitava em se sim ou não devia fazer o que pensava, quando viu que saia por outra porta da mesma casa um homem da mesma estatura, ainda que com barba, coisa que o primeiro não tinha, e seguia a grandes passadas pela rua.

«Foi-o seguindo durante algum tempo, até que finalmente o viu desaparecer n'uma loja de adello. Durante muito tempo esperou que elle saisse, mas vendo que perdia o tempo afastou-se d'ali.

«Suppoz que vivia ali o desconhecido.

—E qual é o seu projecto? perguntou o criminalista. Pretende, por acaso, fazer uma visita a esse judeu?

—Exactamente, respondeu o medico. O adello, Jedediah Barnes, não goza de boa fama.

«Diz-se que em todos os roubos que de ha um anno a esta parte se tem commettido nas terras proximas d'aqui, elle figura como receptor. Pelo menos, muita gente assim o julga.

—Voz do povo, voz de Deus, replicou o criminalista. O que acaba de nos dizer, doutor, é muito importante. Lamento e Jimmy não que lhe tivesse dito isso ha mais tempo.

—A culpa teve-a a mãe d'esse rapaz. E' uma mulher que, em ouvindo fallar em justiça e em policia, fica toda aterrada.

—Por isso apenas o filho lhe disse o que lhe acabo de contar, ordenou-lhe que não fallasse absolutamente a ninguem no que tinha visto.

«Foi só a mim que Jimmy o contou, por confiar em mim.

—Se as declarações do tal Jimmy forem verdadeiras e pudermos prender os criminosos devido a ellas, esse rapaz merece uma boa recompensa pela sua valentia e resolução.

«Sabes onde mora o judeu Jedediah Barnes?

«E quer ter a bondade de me ir acompanhar até casa d'elle?

—Com o maior prazer, sr. Holmes.

—Logo que nos disfarçemos, Harry, disse o criminalista ao seu ajudante, iremos a casa do tal judeu e será o pretexto que daremos ao adello o de termos de mudar de fato.

—Então eu não entrarei com os senhores? perguntou o medico.

—Sim, senhor, não queremos prescindir da sua amavel companhia.

Sherlock Holmes reflectiu durante um momento, apoz o que expôz aos seus companheiros o projecto que havia formado para penetrarem em casa do judeu.

Segundo esse projecto, nem elle nem o seu ajudante deviam entrar, mas apenas o medico.

CAPITULO VII

Entre a vida e a morte

O estabelecimento do judeu Barnes era um verdadeiro museu, onde se viam reunidos todos os objectos mais raros em vestuario, moveis, armas, etc.

Não havia antiguidade que não figurasse n'aquelle estabelecimento.

Jedediah Barnes era de baixa estatura, de uns cincoenta annos, cabeça coberta de cãs. O rosto revelava a sua origem hebraica, olhar de usurario, nariz aquilino.

Vivia habitualmente sósinho, pois não queria que algum soubesse de certos negocios que fazia.

N'aquelle dia estava muito inquieto. Acabava de fazer um fardo, trabalho de que o haviam encarregado os dois inquilinos que tinha e que eram, nem mais nem menos que Lon Ingrum e James Bayfield.

Esperava com impaciencia que decorressem algumas horas para vêr longe de si aquelles dois homens, a quem sabia que a policia perseguia.

Se fôsssem apanhados, elle teria tambem um mau bocado a passar.

Podia muito bem dar-se o caso de receber o castigo que merecia por haver occultado não só aquelles dois bandidos, mas ainda muitos outros, cujos roubos estavam armazenados em sua casa.

E verdade que o seu negocio era fabulosamente rendoso, mas era innegavel que lhe causava enormes

sustos, apezar de ter a casa disposta de tal modo que a policia podia visital a inesperadamente sem que encontrasse qualquer coisa que o compromettesse.

A sua casa ficava pouco distante da estação do caminho de ferro.

Quando mais desasocegado estava pela demora dos seus compromettedores inquilinos, viu apparecer á porta um d'elles.

—Ora até que chegaste, Ingrum, Julgava que não apparecias até smanhã, exclamou elle com certo enfado. E onde está Bayfield? Não partem juntos?

«Não quero que se vá embora um e fique o outro. O subterraneo occupam-no juntos para o negocio. Se te vaes embora, ponho-o a elle na rua.

O supposto Lon Ingrum, que era o dr. Johnson, respondeu rindo:

—Não vale a pena zangar assim! O meu compatheiro não se demora muito. Teve de fazer um trabalhinho, que levará pouco tempo a concluir.

—Que venha quanto antes, replicou o judeu, porque se não ponho-os a ambos na rua, mas hão de pagar me primeiro as cem libras esterlinas pela semana de aluguer, se não...

—Agora não pôde ser, temos de esperar melhor occasião para nos safarmos, disse o supposto Lon. Creio que minha mulher me atraçou. Tive a fraqueza de a visitar hoje e tenho a certeza de que suspeita da minha fuga, pelo que terá dito tudo ao policia Sherlock Holmes.

«Não posso, pois, ir para Londres. Apanhar-nos-hiam a sairmos do comboio.

—Imbecil! exclamou o judeu, encolerisado. Porque te atreveste a ir em pleno dia a Regent-street? Em que miolos se mette o visitar uma mulher em taes circumstancias?

«Não sabes que as mulheres são o diabo, que a troco de beijos e caricias dizem tudo? Quando é que largarás as saias de tua mulher? Que foi que lhe disseste?

—Fallas muito bem, replicou o falso Lon, sentando-se no escriptorio contiguo ao estabelecimento. Que havia eu de dizer-lhe?

«Nada... mas convinha-me um pretexto para entrar em casa e tratar de fazer negocio á custa de miss Gracia Humbert.

—E conseguiste alguma coisa? perguntou Barnes com interesse.

—Consegi, sim, e fiz um bello negocio, respondeu o falso Lon.

Ao dizer isto, metteu a mão no bolso e pôz em cima da mesa um punhado de moedas de ouro. Tornou a metter a mão no bolso e tirou umas poucas de joias e objectos preciosos.

Em seguida, disse:

—Custam muitos sustos estas aquisições. Seria

o melhor modo de vida e a industria mais rendosa se não fôsse a maldita policia.

«Convem-me descansar um pouco e fumar um cigarro.

Os olhos do judeu brilharam de coíça.

Pensou immediatamente em se apoderar das pedras preciosas a troca d'uma cuta e meia, como costumava fazer.

Era preciso, porém, andar com prudencia, porque Lon Ingram não se deixaria enganar com facilidade.

Barnes disse:

—Realmente, valem apenas o passeio e se quizeres sêr rasovavel talvez possamos fazer negocio.

—Queres dizer que me queres esfolar, não é assim, velho judeu?

—Deus de Abrahão! Insultas-me em troca da hospitalidade que te concedi e ao teu companheiro!

O falso Lon riu, dizendo em tom zombeteiro:

—Hospitalidade que nos custa um pouquinho caro.

—Querias que arriscasse a pelle por vossa causa, sem proveito?

—Não, Barnes, e isto que disse foi a rir, bem sabes. A tua amizade é sempre preciosa e o favor que nos fizeste, pôdes crê-lo, terá a devida recompensa.

—Queres então fazer negocio com essas pedras preciosas e essas joias?

—Não tenho duvida, mas o melhor é esperarmos por James. Bem sabes que é meu socio e não quero de fórma alguma que elle supponha que o quiz enganar.

—Está bem, concordo. E's homem honrado e com quem se pôde tratar qualquer negocio. Mas James demorar-se-ha muito?

—Não creio. Como te disse, foi tratar d'um pequeno negocio e d'aqui a pouco deve estar de volta. Precisamos pensar e combinar o que devemos fazer. Enquanto, porém, elle não chega, vamos descansar um pouco, saboreando um cigarro.

Johnson tirou a cigarreira do bolso e offereceu um cigarro a Barnes.

Todos os que estavam do lado de que o judeu se servira tinham uma porção de opio.

Com a maior dissimulação, o medico abriu outra divisão da cigarreira e d'ahi tirou um cigarro de bom tabaco, accendendo-o.

O judeu accendeu tambem o seu, sem suspeitar de coisa alguma.

As nuvens de fumo do opio em breve produziram effeito.

Começou o bom hebreu por sentir uma certa fadiga e um grande entorpecimento, mas não quiz deitar fóra o cigarro, já porque ignorava que fôsse elle

a causa d'isso, já porque lhe agradava o seu fumo aromatico.

Não chegára ainda a metade do cigarro, quando a cabeça lhe descahiu para o peito. Pouco depois, caia-lhe o cigarro da bôcca e Barnes caia em profundo lethargo.

Logo que o medico se convenceu de que elle estava profundamente adormecido, levantou-se e aproximou-se.

Deu-lhe algumas palmadas nas costas para verificar se estava ou não adormecido.

Não havia duvida, o opio embriagara-o.

Barnes não fazia um unico movimento.

Johnson triumphára em toda a linha.

Tirou o dinheiro e as joias de cima da mesa e saiu, rejubilando de contentamento.

Não longe da porta esperavam-no o criminalista e Harry Taxon, que o acolheram com evidentes signaes de curiosidade.

O medico disse-lhes em poucas palavras o que se tinha passado. Barnes estava reduzido á impotencia, adormecido pelo opio, e os dois criminosos não se encontravam ali.

Guiados pelo doutor, os dois policias amadores penetraram em casa do judeu, até onde este estava adormecido.

Amarraram-no bem e começaram a revistar a casa, a fim de vêr se encontravam o aposento occupado por Lon Ingram e pelo seu companheiro.

N'um dos aposentos encontraram um cofre muito elegante, que Johnson reconheceu ter sido roubado a Sullivan, em casa de quem o vira muitas vezes.

—Com certeza esses malvados se preparam para fugir de Middlesworth mas primeiro ainda aqui veem, disse Sherlock Holmes ao vêr o cofre.

«Não nos disse, doutor, que das palavras de Barnes se inferia que elles tinham um compartimento alagado nos subterraneos?

«Pois é preciso encontrarmos esse compartimento.

E começaram a procurar por todo o rez do chão, a fim de encontrarem a porta que dava accesso aos subterraneos.

N'um dos aposentos mais occultos da casa viram uma grande pedra. Suspeitando o criminalista que ella ali estava para algum fim, disse aos que o acompanhavam:

—Levantemos esta pedra. Talvez occulte a toca das raposas.

Os esforços dos tres conseguiram remover-a.

Appareceu-lhes á vista um alçapão de madeira. Sherlock Holmes levantou-o.

Via-se uma escada que punha em communicação o rez do chão com os subterraneos.

Ao chegarem abaixo, puderam vêr um enorme

numero de instrumentos de toda a especie e fôrmas para arrombar fechaduras e abrir portas.

A outro lado viam-se grandes cofres.

Abriam-nos, servindo-se para isso dos instrumentos que ali estavam e encontraram-nos cheios de montes de moedas de ouro e de prata.

Um pouco mais distante via-se um verdadeiro arsenal de armas offensivas e defensivas, brancas e de fogo.

A um canto viram uma escada, em fôrma de poetro para torturas.

O medico deixou ali os seus companheiros e dirigiu-se para o escriptorio do judeu.

Ainda não tinham decorrido dois minutos depois do medico se ter afastado d'ali, quando entraram no subterraneo, silenciosamente, Lon Ingrum e o seu companheiro.

Tinham conhecido, ao não encontrarem a pedra sobre o alçapão, que algum havia penetrado na sua tóca.

Os criminosos desceram com tanta precaução as escadas que Sherlock Holmes e Harry Taxon não deram pela sua presença.

Os bandidos aproximaram-se pouco a pouco dos dois policiaes amadores e, a um signal feito por Lon, precipitaram-se os dois sobre o criminalista e o seu ajudante.

O ataque foi tão subito e inesperado que os dois policiaes caíram por terra antes de terem podido saber do que se tratava.

A pancada que receberam ao cair foi tão violenta que, meio desmaiados pela dôr, não puderam gritar e ainda menos defender-se dos aggressores.

Os bandidos triumphayam.

O que se iria passar?

Ficaria a justiça vencida e o caime, em vez de castigado, continuaria impune?

Lon Ingrum e James Bayfield tinham nos labios um rictus sinistro.

Sherlock Holmes e Harry Taxon jaziam em terra, immoveis, desmaiados, sem conhecimento do que se dera.

A aggressão fôra subita e inesperada, exactamente no momento em que elles não pensavam ser surpreendidos.

Que fazia no emtanto o dr. Johnson?

.....

Johnson vira chegar seu irmão e James Bayfield. Quiz dar o signal de alarme, mas não teve coragem para isso ou julgou talvez que assim nada remediari.

Deixou-se, pois, ficar muito quieto e, ao vêr que elles desciam a escada correu immediatamente ao commissariado de policia, a pedir auxilio.

Os dois criminosos puderam á vontade amarrar os dois policiaes amadores e levall-os para o pótro de tortura como os carneiros que são conduzidos ao matadouro.

Logo que ali os estenderam, Lon Ingrum, rindo cynicamente e com uma expressão de alegria diabólica a reflectir-se-lhe no rosto, exclamou:

—Antes de sairmos d'esta casa deixaremos ao judeu uma recordação digna da nossa estada aqui, uma recordação permanente, nada menos que os cadaveres d'estes dois melros.

—Tens razão, Ingrum, approvou Bayfield. Assim, esses cães não tornarão a perseguir-nos.

«Logo que terminemos os nossos negocios, dirigimo-nos immediatamente para a estação do caminho de ferro. Não te parece?»

—Sim, não convem adormecer sobre os louros, respondeu Ingrum. Vamos tratar de acabar com isto.

E começaram a estender as pernas e braços de Sherlock Holmes e de Harry Taxon.

A dôr que estes sentiram ao começarem os membros a desconjunctarem-se lhes foi tal que recuperaram os sentidos.

Deram então, pela primeira vez, pela presença dos bandidos. Estavam deante d'elles, rindo a bom rir, aquelles que tinham querido prender.

E os bandidos empunhavam facas.

O criminalista e o seu ajudante, reconhecendo a gravidade da situação e não vendo em parte alguma sombra sequer do dr. Johnson, tiveram a intuição de, pela primeira vez na vida de Sherlock Holmes, não poderem sair de tão angustioso transe.

Que teriam feito do dr. Johnson? Tel-o-hiam morto? Conseguiria elle ter fugido? Onde teria elle ido? Iria chamar a policia em seu auxilio? E chegaria esta a tempo?

Taes eram as perguntas que lhes occorriam á mente n'aquelle momento de desespero.

Na realidade, a situação era angustiosa. Se a policia se demorasse mais alguns minutos, apenas encontraria os cadaveres decapitados do celebre criminalista Sherlock Holmes e do seu fiel companheiro Harry Taxon.

Os verdugos, para os fazerem soffrer, procediam lentamente, segurando as facas com que tencionavam matal-os, logo que lhes tivessem desconjunctado os pés e as mãos.

As facas estavam já levantadas sobre as victimas quando Johnson, que, seguido de meia duzia de policiaes, penetrara na casa sem fazer ruido, se precipitou no subterraneo, de revolver em punho.

Estava imminente uma lucta desesperada, lucta de

vida ou de morte, entre os agentes e os dois criminosos.

Momentos depois, a luta travava-se: de um lado, o amor da justiça, do outro o receio d'um merecido castigo, do qual só se poderiam livrar se ficassem victoriosos.

Que importava, porém, lutar?

Era o unico meio de salvação possível. Era a vida, a vida que iam defender, palmo a palmo, pois tinham a certeza de que, vencidos, seriam condemnados.

E adeus gozo, adeus vida de orgias e praseres!

Lon Ingram e James Bayfield, como duas feras perseguidas por uma matilha, precipitaram-se sobre aquellos que accorriam em soccorro em Sherlock Holmes e Harry Taxon.

E Lon Ingram quem primeiro pretendia ferir foi seu proprio irmão. Era sobre o dr. Johnson que recaiam todas as suas iras.

Com as feições transtornadas pelo odio, uma expressão sinistra no olhar, parecendo mais uma besta feroz do que um homem, precipitou-se sobre o medico, sendo tal o impulso com que o fez que este caiu.

Mas não conseguiu ferir-o, porque em auxilio de Johnson accorreram logo alguns policiaes.

A luta não podia ser duvidosa. As forças eram muito desiguaes.

Poucos instantes bastaram para dominar osm alfeitores e serem tirados do pótro da tortura os dois policiaes amadores, que haviam sido testemunhas do combate, com enorme alegria pela sua proxima libertação.

Um quarto de hora depois saiam da casa do judeu Barnes os dois criminosos e o receptador, todos tres algemados.

Quando Raphael Sullivan saiu do hospital, para onde, como narrámos, tinha sido conduzido no proprio dia em que fôra assassinada sua formosa irmã Edith, já haviam recebido na force o devido castigo os dois assassinos Lon Ingram e James Bayfield.

O judeu Barnes fôra condemnado a alguns annos de cadeia.

Miss Gracia Humbert era já a senhora Johnson, quer dizer, esposa do medico. e fôra-lhe restituído tudo quanto lhe havia sido roubado.

Tinham como creada a sr.ª Ingram, a esposa do justicado.

E' claro que se tinham convencido o doutor e sua esposa de que ella não fôra cúmplice do marido.

Sherlock Holmes e Harry Taxon em breve se haviam restabelecido dos tormentos que lhes haviam sido infligidos. Dois dias de descanso e o criminalista estava apto para continuar a sua vida de aventuras e de gloria.

A primeira visita que Sullivan fez, depois de estar completamente restabelecido, foi a agradecer ao celebre criminalista, a Harry Taxon e ao dr. Estevão Johnson a intervenção que elles haviam tido para a captura dos assassinos de sua irmã Edith e do seu fiel creado Joe Bentley.

FIM

Ler no proximo numero:

O REI DOS BANDIDOS

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por *Arnaldo Dubarry*)

O Amor nas suas diversas manifestações, regeu, e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos-a vida contemporânea.

E tudar as aberrações a que as paixões desvairadas conduzem os homanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subordinou no título geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Des *Desequilibrados do Amor* acha se publicado o primeiro volume:

O Fetichista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- A Hystérica
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por *Victorien du Saussey*
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Milenario romance d'aventuras galantes
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formozura —
II Chamas de voluptuosidade — III Moab, terra da luxuria — IV Pela senda do amor — V Beijo supremo.
1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 córes 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por *L. C. Kuntien*.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes

volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Resurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes fimpunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo de conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueteo vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas fecanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume Serie completa, 2:000 rs.

IVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus
= 1 volume illustrado 400 rs. =

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas
+ fotografuras de pagina +
= 600 reis =

Collecção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatufo da alta roda, por *Maurice Leblanc (Esg)*.
2. O Homem Mysterioso, *Guy de Tèramond*.
3. O tumulo de gelo, *Pierre Giffard*.
4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, *Maurice Leblanc*.
5. Um grito na treva, *Golsworthy*.
6. O Prisioneiro de Marte, *G. Le Rouge*.
7. O Club dos Ladroses, *Henry A. Hering*.
8. Agulha óca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) *M. Leblanc*.
9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*.
10. A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard*.
11. O Canhão do sommo, *Paul d'Ivoi*.
12. Qual dos tres grande romance policial, *A. O. Green*.
13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*.
14. O Pirata de Ferro, *Max Pemberton*.
15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) *Paul d'Ivoi*.
16. Kowa, a mysteriosa por *Ch. Foley*.
17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por *M. Leblanc*.
18. Em Férias, por *Henri de Régnier*.
19. O Palacio submarino, por *Max Pemberton*.
20. Um crime tenebroso, por *A. Galopin*.
21. A sombra mysteriosa, por *Fergus Hume*.

350 rs. Cada vol. in-4º, contendo a materia de um
coco grosso vol. in-8º, de 300 ccc

rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

— A Novella HISTORICA —

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R\$. 60

— A mais notavel e sensacional
— das novidades litterarias —

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

— HISTORIA de PORTUGAL —

Desde os tempos primitivos até á actualidade

— Volumes publicados: —

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

— A seguir: —

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempayôr
- 10 D. Fuaes Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 13 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIDIER

— A ORGIA BIBLICA —

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

— O celebre policia americano —

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detctive

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconhea o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo-oz agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos 'an'es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estão-lo no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embr agalora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um estupro de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisiones abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

— Volumes publicados: —

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visioho mysterioso. 8. Caca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batata. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackert. 16. Um electrico peigoso. 17. No Casno de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

— Como nos devemos tratar —

— Como nos devemos curar —

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixardo de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700